UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - *CAMPUS* SOROCABA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANNA GIULIA COPPE GAUDENCI

“MULHER SERVE PRA TUDO...”?

O feminino nas vozes de mulheres de diferentes gerações

SOROCABA

2022

ANNA GIULIA COPPE GAUDENCI

“MULHER SERVE PRA TUDO...”?

O feminino nas vozes de mulheres de diferentes gerações

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba, como parte dos requisitos para a obtenção da formação plena em Pedagogia.

Orientação: Profa. Dra. Vanda Aparecida da Silva

Sorocaba

2022

Gaudenci, Anna Giulia Coppe

“MULHER SERVE PRA TUDO...”?: O feminino nas vozes de mulheres de diferentes gerações / Anna Giulia Coppe Gaudenci -- 2022.
61f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Vanda Aparecida da Silva
Banca Examinadora: Carolina Rodrigues de Souza, Teresa Mary Pires de Castro Melo
Bibliografia

1. Gênero. 2. Educação. 3. Relatos Orais. I. Gaudenci, Anna Giulia Coppe. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANNA GIULIA COPPE GAUDENCI

“MULHER SERVE PRA TUDO...”?

O feminino nas vozes de mulheres de diferentes gerações

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba.

Sorocaba, 03 de maio de 2022.

Profa. Dra. Vanda Aparecida da Silva

Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (UFSCar)
Orientadora

Aos meus pais e avós que contribuíram de diversas formas em minha história para que eu me tornasse quem sou hoje. Em especial à minha bisavó Evanir (in memoriam), a qual participou da pesquisa como entrevistada poucos meses antes de falecer de forma repentina, e, assim, tornou esse trabalho ainda mais singular e intenso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pela minha vida e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Sou grata também as mulheres da minha família e a todas as mulheres que tenho o prazer de conviver, por me inspirarem a ler e desevolver um trabalho com o foco no feminino. Aos meus pais, Andréia de Cássia Coppe Terzo e Heitor Gaudenci Juinor e meu irmão, João Pedro Coppe Gaudenci, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava às leituras e escrita desse trabalho. Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo de minha formação. A minha orientadora, Drª Vanda Aparecida da Silva, por todo suporte, direcionamento, reflexões e confiança, que acompanhou meu processo de elaboração deste trabalho de conclusão de curso, sempre com muita seriedade nas intervenções e sinceridade nos elogios e nas críticas. Assim como à Profa. Dra. Teresa Mary Pires de Castro Melo, à Profa. Dra. Carolina Rodrigues de Sousa e à Profa. Dra. Viviane de Araújo pela participação na banca examinadora no trabalho, bem como às contruibuições ao debate e reflexão. Não poderia deixar de agradecer também a Prof. Marcelle Oliveira, mestranda na área de ciências biológicas na UFSCAR – campus Sorocaba, pelo apoio e conversas inspiradoras. Aos professores que fizeram parte da minha formação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso. À instituição Federal de ensino UFSCar, essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso. Ao DCHE - Departamento de Ciências Humanas e Educação - UFSCar–, e a todos os servidores públicos, secretários(as), e demais colaboradores que auxiliam o corpo docente, discentes e administração da UFSCar. Gostaria de agradecer também a todos os pesquisadores e pesquisadoras que fizeram parte da minha formação indiretamente por meio de artigos, livros, vídeos e quaisquer outras produções que tiveram impacto tanto em meu desenvolvimento profissional quanto humano.

Enfim, às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

"[...]Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal

A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
(você é seu próprio lar)

Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar[...]"

– (Francisco, El Hombre)[1]

[1] https://www.letras.mus.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-ma/, acesso em 01/07/2021.

RESUMO

GAUDENCI, Anna Giulia Coppe. “Mulher serve pra tudo...”? O feminino nas vozes de mulheres de diferentes gerações. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2022.

Este trabalho tem por objetivo compreender as dinâmicas das relações interpessoais vivenciadas por mulheres e demais pessoas de diferentes núcleos familiares, e, dessa forma, trazer os seus olhares acerca de seus corpos e do feminino, a partir da da transmissão de saberes entre as gerações.

Pretende-se entender como se dá a construção das identidades de gênero a partir dos núcleos familiares, considerando “gênero” como uma construção social e histórica e da educação para o feminino enquanto um processo de aprendizagem. A partir disso, a intenção é trazer elementos sobre as diferentes origens e diferentes tradições e culturas que as mulheres traduzem através das lembranças e memórias.

Conclui-se, a partir da pesquisa, que as mudanças culturais perceptíveis de uma geração para a outra, apontam para a possibilidade de estabelecer relações mais democráticas e igualitárias entre mulheres. Para tanto, o método empregado foi o da recolha de relatos orais, através de entrevistas semi-estruturadas, com 10 mulheres pertencentes a três núcleos familiares distintos e de diferentes gerações: netas, filhas, avós e bisavós.

Palavras-chave: Gênero; Educação; Feminino; Relatos Orais.

ABSTRACT

GAUDENCI, Anna Giulia Coppe. “Women are for everything...”? The feminine in the voices of women from different generations. 2022. Course Completion Work (Licentiate in Pedagogy) – Federal University of São Carlos campus Sorocaba, Sorocaba, 2022.

This work aims to understand the dynamics of interpersonal relationships experienced by women and other people from different family nuclei, and, thus, bring their views on their bodies and the female, from the transmission of knowledge between generations.

It is intended to understand how the construction of gender identities from the family nuclei takes place, considering “gender” as a social and historical construction and of education for the female as a learning process. From this, the intention is to bring elements about the different origins and different traditions and cultures that women translate through memories.

It is concluded from the research that the perceptible cultural changes from one generation to the other point to the possibility of establishing more democratic and egalitarian relationships between women. Therefore, the method used was the collection of oral reports, through semi-structured interviews, with 10 women belonging to three different family groups and from different generations: granddaughters, daughters, grandparents and great-grandparents.

Keywords: Gender; Education; Feminine; Oral reports.

ABSTRACTO

GAUDENCI, Anna Giulia Coppe. “¿Las mujeres son para todo…”? Lo femenino en las voces de mujeres de distintas generaciones. 2022. Trabajo de Finalización de Curso (Licenciatura en Pedagogía) – Universidad Federal de São Carlos campus Sorocaba, Sorocaba, 2022.

Este trabajo tiene como objetivo comprender la dinámica de las relaciones interpersonales que viven mujeres y otras personas de diferentes núcleos familiares, y de esta manera, acercar sus visiones sobre su cuerpo y la mujer, a partir de la transmisión de conocimientos entre generaciones.

Se pretende comprender cómo se da la construcción de identidades de género desde los núcleos familiares, considerando el “género” como construcción social e histórica y la educación de las mujeres como proceso de aprendizaje. A partir de esto, la intención es traer elementos sobre los diferentes orígenes y diferentes tradiciones y culturas que las mujeres traducen a través de memorias y memorias.

Se concluye de la investigación que los cambios culturales perceptibles de una generación a otra apuntan a la posibilidad de establecer relaciones más democráticas e igualitarias entre las mujeres. Por tanto, el método utilizado fue la recogida de relatos orales, mediante entrevistas semiestructuradas, con 10 mujeres pertenecientes a tres grupos familiares distintos y de distintas generaciones, nietas, hijas, abuelos y bisabuelos.

Palabras clave: Género; Educación; Femenino; Relatos orales.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa Etária das Entrevistadas
Gráfico 2 – Situação Profissional
Gráfico 3 - Escolaridade
Gráfico 4 – Autodeclaração Racial
Gráfico 5 – Local de Nascimento

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12

2. CAPÍTULO I. Quadro teórico 19

2.1 A relação ancestral da mulher com o corpo 19

2.2 A visão histórico-social sobre o feminino inserido no contexto de uma sociedade patriarcal 20

2.3 A construção da identidade coletiva de gênero 22

2.4 A história oral e a memória 24

3 CAPÍTULO II. Metodologia 27

3.1 Procedimentos 29

3.2 Pesquisa de campo: universo e amostra 30

3.3 Entrevistas semiestruturadas e os núcleos selecionados 30

3.4 Coleta de dados 35

4 **CAPÍTULO III. Análise das Falas e Pontuações coletadas nas entrevistas semiestruturadas** 36

4.1 De tabus, silêncios e outras ausências 36

4.2 O conceito de “mulher” 39

4.3 A mulher como cuidadora e figura central da família brasileira 43

4.4 A Educação Sexual nas escolas brasileiras 46

5 **CONSIDERAÇÕES FINAIS** 52

6 **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** 54

7 **APÊNDICE A** 58

8 **APÊNDICE B** 59

9 **APÊNDICE C** 60

10 **ANEXO A** 61

1. Introdução

O tema da pesquisa diz respeito a construção da identidade de gênero e os remanescestes de uma identidade coletiva de gênero presentes na transmissão de saberes entre as gerações de mulheres em um contexto patriarcal. Nesta direção, considera-se a relevância do estudo da identidade de gênero como uma das primeiras narrativas a qual a pessoa é apresentada e é muito importante para construir todas as demais narrativas do sujeito. Como destaca Benhabid (1999),

> As identidades de gênero, dessa perspectiva, correspondem também a narrativas, geralmente às primeiras narrativas em que nos vemos envolvidos, e, por isso, costumam ser o ponto de partida para a construção das demais macro narrativas. (BENHABIB, 1999, p. 344)

Entretanto, é fundamental destacar que, apesar dessas identidades se fazerem presentes de forma imprescindível, as mesmas não podem ser tidas como permanentes ou constantes, de modo que existe a possibilidade de alterações e inconstâncias nesses conceitos. Ainda com as palavras de Behabib (1999),

> Essas primeiras narrativas, porém, não equivalem à essência humana, não formam um núcleo imutável, uma vez que a capacidade de narração não presume ou se relaciona ao assunto da história que é contada; ela se refere somente ao processo formal de narração (BEHABIB, 1999, p. 344).

Assim, considerando a proeminência de que essas identidades são representações construídas social e historicamente, a partir de vivências, tanto no âmbito familiar como no âmbito escolar, é interessante pensar na dimensão em que as pessoas têm o primeiro contato com a construção dessa identidade: o núcleo familiar. Como observa Quadrado (2014):

> As identidades são representações construídas historicamente e reconhecidas por sistemas culturais compartilhados, não sendo unificadas, é um processo variável e de poder. Deve-se ressaltar que não são naturais a um determinado grupo ou indivíduo, ou seja, são definidas politicamente, e não biologicamente. (QUADRADO, 2014, p.1)

À vista disso, e considerando que há diversas formas diferentes de educar, podendo estas serem de enfoque formal, não-formal e informal, este trabalho se relaciona com o tema da educação informal em contraste com a educação formal. Por educação informal entendo a que acontece no âmbito familiar, entre pares e ao longo da vida, considerando então que a Educação não ocorre apenas na escola. Assim, a educação para a formação das identidades de meninos e meninas acontecem na casa e fora dela. Todavia, quando a criança tem algum comportamento fora do esperado, esta passa a ser vista com estranhamento, como se, de alguma forma, essa informalidade e essa fuga das normas no espaço escolar fossem, de certa forma, marginalizados neste contexto. A autora Iara Beleli (2010) aborda a questão da educação além desse espaço escolar:

> Os estranhamentos também são alimentados pelas mídias e pela família ao se deparar com meninos que querem se vestir de meninas, pintar as unhas, meninas que rejeitam os vestidos engomados e querem mesmo é um bom par de chuteiras para jogar futebol. Essas situações geralmente são encaradas de forma a se obter soluções fáceis, recorrendo ao imperativo das normas, dos modelos. Enfrentar situações complexas, portanto mais difíceis, implica mudanças no olhar dos educadores, da família e da mídia – da sociedade. (BELELI, 2010, p. 60)

Assim, coloca-se também a questão da divisão da responsabilidade em educar a criança – que aparece atrelada alternadamente à família e à escola – e que se revela numa relação tensionada (Ariès, 1978). Ainda, com relação ao conceito de educação, e a partir de Freire (1982), este constata a necessidade de que a educação não apresente relação com o conservadorismo, e, para o autor é de extrema relevância que o/a educador/a tenha como princípio e objetivo superar a passividade dos sujeitos, fomentando um comportamento crítico e questionador nos/nas educandos/as. Como nas palavras de Paulo Freire:

> Entre nós, repita-se, a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem no brasileiro, antigos e culturológicos hábitos de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência, de acordo com o novo clima da fase de transição. (FREIRE, 1982, p. 94).

Dessa forma, entendo a importância de reconsiderar e repensar conceitos impostos na sociedade a partir da compreensão de que o campo da Educação é um meio essencial para

alcançar a transformação social. Assim sendo, e com a intenção de compreender de que forma a ideia de gênero é construída e transmitida, em diferentes núcleos familiares, em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, Tatuí, a partir da transmissão oral de conhecimentos, esta pesquisa visa compreender o valor da ancestralidade[2] e como é representada a figura da mulher, a feminilidade e o corpo feminino, em cada núcleo pesquisado. Nestes termos, este trabalho se propõe ouvir os relatos de diferentes gerações de mulheres, as suas representações e transmissões de ensinamentos em torno do que é ser mulher, do que é feminino. Assim, confronta os diferentes ângulos da educação, no seu sentido mais amplo, e conflui para a educação das e nas camadas populares, a partir de uma dimensão política do que se é. Visa, portanto, orientar-se para as inspirações de uma educação popular (FREIRE, 1982) que incorpora os saberes, os valores, as visões de mundo de mulheres de e nas camadas populares.

Com essa proposta, faz-se necessário a premissa de que tal escuta conflui também para avançar numa perspectiva formativa com vistas à Educação Popular que, segundo Freire (2002), visa à formação de sujeitos com conhecimento e consciência cidadã e a organização do trabalho político para afirmação do sujeito. Pois, "a conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora e por isso respeitadora do homem como pessoa". (FREIRE, 2002, p. 4). A autora Marilia Sposito (2003) discorre sobre a escola como um espaço de extrema relevância para a construção das concepções de representações sociais.

> Se a escola ocupou lugar central no pensamento sociológico no exame da reprodução social e dos processos socializadores, o modo como essa instituição foi concebida mudou no interior das orientações teóricas ao longo do tempo. (SPOSITO, 2003, 212)

Sendo assim, entendendo a escola como um dos lugares centrais nessa discussão sobre a reprodução social e os processos socializadores, é importante entender, no espaço escolar e para além dele, quais são os meios para reformar e repensar as definições sociais estabelecidas. Nesta direção, é importante a compreensão de experiências de aprendizagens que vão se constituindo em espaços diversos e se tornam fundamentais para entender a formação de

---

[2] Aqui, entende-se o conceito de ancestralidade a partir da definição de RIBEIRO, Katiúsca. 2020. No artigo, a autora define o termo enquanto "princípio filosófico, o qual é de ordem coronária que possibilita se reconhecer e continuar um legado que nasce a todo tempo e se mantém vivo no pulsar de nossa existência materializada em diversas ações e oralituras." Além disso, afirma também que ancestralidade é mais que uma reflexão, ancestralidade é um princípio filosófico que rompe os muros da academia e chega até a cadeira de sua avó ou de seu avô como voz de sabedoria que conta através de suas oralituras. In.: O Futuro é Ancestral. Le Diplomatique. Nov. 2020. (Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-futuro-e-ancestral/>. Acesso em 05. Fev. 2022).

sujeitos capazes de fazer suas escolhas autonomamente. Sujeitos interessados em compreender e transformar identidades coletivas, a fim de tornar a sociedade e o mundo em que vivemos um lugar mais justo e igualitário.

> Mas, se a escola continuou ocupando o foco de interesses da pesquisa sociológica sobre a educação, é preciso, ao menos, examinar perspectivas que contribuam para alargar nossa capacidade de compreensão e de análise. Dentre elas situa-se um recurso analítico e metodológico importante: a perspectiva não escolar. (SPOSITO, 2003, p. 215)

Entendendo que a educação é um meio pelo qual as mulheres passam a se identificar com o gênero construído socialmente, se torna importante problematizar essa construção, especialmente porque é sobre o corpo que vemos as mais diversas formas de aplicar os ensinamentos. A tensão que se estabelece entre escola e família, por exemplo, coloca em relevo aspectos em que o corpo não se traduz num lugar de certezas, mas, antes, de quebra de estereótipos (Louro, 2000); Pereira, 2005). Nessa direção, as marcas corporais sinalizam também para as mais diferentes maneiras de desafiar as convenções, quebrar padrões de comportamentos hegemônicos como os de masculinidades e feminilidades.

Além disso, para realizar a pesquisa, parto da compreensão de que não existe um determinismo biológico acerca do comportamento de homens e mulheres, como aponta muito bem a autora Daniela Finco (2009) em seu artigo sobre a relação de poder em uma sociedade patriarcal.

> As preferências não são meras características oriundas do corpo biológico, são construções sociais e históricas. Portanto, não é mais possível compreender as diferenças entre meninas e meninos com explicações fundadas na teoria do determinismo biológico e seu uso consequente da anatomia e da fisiologia como justificativas para as relações e as identidades de gênero na sociedade moderna. (FINCO, 2009, p. 5)

Portanto, a partir desse pressuposto, é possível afirmar que ao longo de toda a história o corpo da mulher foi tido como diferente biológica e socialmente do corpo dos homens. É uma visão da mulher de maneira a ter "o corpo como LOCUS de dominação, disciplinarização, normatização e medicalização que constrói a identidade feminina" (OLIVEIRA, 1990, p. 13). A partir desse trabalho que pretende entender e refletir acerca do papel e da função da mulher

em nossa sociedade, também considero a importância de abordar conceitos diversos que, de certa forma, abordam a ideia da mulher determinada biologicamente para cumprir o seu "destino biológico", o qual seria o de gestar uma criança. Em outras culturas, como entre os povos Areweté (grupo étnico do Xingu - PA), a visão sobre o corpo da mulher, é trazida pela antropóloga Camila Caux:

> O "corpo" é denominado pelos Araweté *hiro,* um "continente", mas o corpo da mulher tem uma característica: ele encerra coisas em seu interior. O *hiro* da mulher é o envoltório também do embrião. Na gestação, ela é um ser que contém dois. (CAUX, 2018, p.16)

Desse modo, é possível afirmar que o corpo da mulher é visto e classificado de diversas maneiras dependendo da cultura em questão. Porém, em nossa sociedade, movida pelo capital e com marcas do patriarcado, o corpo da mulher ainda é visto como um produto a ser dominado.

Para refletir sobre isso, a pesquisa se baseou em entrevistas com mulheres representantes de diferentes núcleos familiares compostos por mulheres de, pelo menos, 3 diferentes gerações. E, para realizar uma pesquisa com base na oralidade, tomo como uma das fontes de inspiração Alessandro Portelli (2017), o qual apresenta conceitos muito importantes a respeito das fontes orais. Conforme o autor:

> Diferentemente da maior parte dos documentos dos quais se vale a pesquisa histórica, as fontes orais não são achados do historiador, mas construídas em sua presença, com sua direta e determinante participação. Trata-se, então, de uma fonte relacional, em que a comunicação vem sob a forma de troca de olhar (entre/vista), de perguntas e de respostas, não necessariamente em uma só direção. (PORTELLI, 2017, p.183)

A importância dessa forma de pesquisa é abordada também pela autora Adriana G. Piscitelli (1992) com relação a grandiosidade de um/a pesquisador/a ouvir e relatar experiências vivenciadas por diferentes sujeitos.

> É possível afirmar que, na atualidade, existe um certo consenso sobre a riqueza oferecida pelo trabalho com histórias de vida. Esta reside em outorgar um lugar de privilégio à experiência vivida, em sentido longitudinal, e em possibilitar a integração de percepções individuais e pautas universais de relações humanas, através de articulações temporais. (PISCITELLI, 1992, p. 153)

Dessa forma, esse trabalho visa compreender as identidades coletivas comparando de maneira significativa as relações de transmissão oral de conhecimentos ancestrais entre as mulheres participantes da pesquisa em questão aos remanescestes da representação do feminino presentes na transmissão de saberes, de uma geração para outra, nos dias atuais. O que é do feminino? Como essas mulheres enxergam e problematizam o processo de aprendizagem a respeito do próprio corpo?

2. Capítulo I. Quadro teórico

2.1.A relação ancestral da mulher com o corpo

Considerando autores como Bernardo David de Oliveira (2005) e Eleonora Menicucci de Oliveira (1990) e suas perspectivas teóricas, a pesquisa realizada parte do princípio de que, a transmissão oral de conhecimentos é de grande relevância social e cultural, buscando, portanto, a valorização das relações humanas e dos conhecimentos ancestrais.

Também foi de suma importância para a realização dessa pesquisa leituras que relacionam o tabu que existe em nossa sociedade sobre o corpo da mulher.

A respeito da Ancestralidade e da sua relação com o corpo, apresento a visão de Bernardo David de Oliveira.

> O corpo ao mesmo tempo é a ancestralidade como é por ela regido. Ancestralidade é tradição, e não se pode entender o corpo sem tradição uma vez que esta é um baluarte de signos e, dessa forma, a produtora da semiótica que significa os corpos. (OLIVEIRA, 2005, p. 125)

O trabalho da autora Eleonora Menicucci de Oliveira também aborda o tema da ancestralidade feminina. Escreve a autora:

> Desta forma elas reencontraram o caminho de velhas tradições culturais que assinalavam a mulher à primeira cultivadora das plantas alimentícias e aquela que primeiro descobriu as plantas medicinais que depois plantou no quintal da casa Reencontravam também o caminho do antigo prestigio mágico-religioso atribuído à mulher, que sempre foi relacionado à Terra Mãe e também à um ser vegetal-cósmico: a árvore, na antiguidade, foi a representação mais comum do cosmos, sendo o mistério da aparição e continuidade da vida intimamente associado ao vegetal. (OLIVEIRA, 1990, p. 16)

A partir das leituras e interpretações das bibliografias utilizadas, é possível observar que, o corpo da mulher é visto de diversas maneiras em diferentes culturas e, assim, faz-se muito valorosa a pesquisa nesse campo, visando compreender tal diversidade.

2.2 A visão histórico-social sobre o feminino inserido no contexto de uma sociedade patriarcal

Com relação ao tabu existente em relação ao corpo feminino e a sexualidade da mulher, considerando a necessidade de colocar enfoque sobre o corpo feminino e destacar a sexualidade que envolve tanto aspectos biológicos quanto sociais das vivências das mulheres, se faz pertinente a discussão sobre as construções coletivas a respeito da definição de feminilidade, do corpo da mulher e da função que esta deveria desempenhar no âmbito social e "natural". Qual é o destino biológico das mulheres, qual seria este proposto desígnio das pessoas que nascem determinadas como femininas, e, afinal, o que seria feminilidade? Talvez um olhar para outras dimensões culturais que nos legaram repertórios acerca da mulher e sua adequação no mundo, possa trazer algumas luzes. Como escreve a poeta e psicanalista, Maria Rita Kehl:

> A cultura europeia dos séculos XVIII e XDC produziu uma quantidade inédita de discursos cujo sentido geral foi o de promover uma perfeita adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominado feminilidade. A ideia de que as mulheres formariam um conjunto de sujeitos definidos a partir de sua natureza, ou seja, da anatomia e suas vicissitudes, aparece nesses discursos em aparente contradição com outra ideia, bastante corrente, de que a "natureza feminina" precisaria ser domada pela sociedade e pela educação para que as mulheres pudessem cumprir o destino ao qual estariam naturalmente designadas. (KEHL, 2008, p. 47-48)

Tendo em vista então que o propósito a qual todas as mulheres devem cumprir deva ser o de ser "domada" a fim de poder desempenhar o papel de mãe, cuidadora e responsável pelo ambiente familiar, deveria a mulher, portanto, se desvencilhar da ideia de sexualidade e desejos? Seriam estes impulsos instintivos uma oposição à sua suposta "vocação natural"?

> A fim de melhor corresponder ao que se espera delas: a maternidade (que é, ao mesmo tempo, sua única vocação natural) pede-se que ostentem as virtudes próprias da feminilidade: o recato, a docilidade. (KEHL, 2008, p. 47-48)

Talvez sejam estes questionamentos que justificam, de algum modo, a escassez e o grande tabu que permeiam os debates e reflexões acerca da sexualidade feminina. A exploração de temas como estes se faz presentes em literaturas mais recentes, por exemplo, como ressalta

a autora Margareth Rago que destaca os quão ínfimos e novos são os debates acerca do prazer feminino e de suas nuances em seu texto sobre o livro "O Sexo da Mulher":

> Vale lembrar que apenas recentemente o corpo feminino foi descoberto e as questões sexuais passaram a ser discutidas mais abertamente na sociedade. Datam dos inícios dos anos 1970, no Brasil, as revelações das revistas femininas que inauguravam a temática, a exemplo das internacionais, dando enfoque especial ao clitóris e questionando a existência do orgasmo vaginal. (RAGO, 2000, p. 293)

A autora Renilda Barreto (2001) destaca as representações e explicações medievais e com símbolos escatológicos acerca do corpo feminino, que, de alguma forma, se fazem presentes nos discursos apresentados pelas mulheres que fizeram parte de sua pesquisa. Escreve a autora:

> O seu corpo era o espaço de lutas entre Deus e o diabo, portanto estavam, as mulheres, sujeitas a afecções, a exemplo da menstruação, parturição, gravidez, corrimentos, dentre outros, apenas explicáveis pela escatologia medieval. (BARRETO, 2001, p. 130)

Com isso, é evidente a contextualização de uma cultura patriarcal dominante, entendo cultural como uma forma de construção social baseada no patriarcado, o qual é visto como uma esfera social ou uma estrutura de poder social masculina ou centrada no homem. Baseia-se na figura paterna e relaciona instâncias públicas e privadas da vida social. Considerando que, a partir das discussões propostas, é possível inferir que muito de que se refere ao feminino e a mulher se tornam tabus e assuntos a serem abordados de forma cautelosa, cuidadoso, quase como se "a mulher fosse sair da jaula" caso o tema seja tratado de forma demasiada assertiva. Contudo, é evidente que, mesmo com todo o tabu relacionado ao corpo feminino, este corpo ainda assim é tido como um corpo sexualizado no decorrer da história. A autora Guacira Louro (2000) trata do tema, abordando o assunto da disciplinarização e da representação do corpo da mulher na História.

> Marcado pela história, moldado e alterado por distintos discursos e práticas disciplinadoras, o corpo da mulher permanece, ainda hoje, como o alvo mais visível e o mais claro representante da sexualidade. De algum modo, ele carrega toda a ambivalência que, historicamente, lhe foi atribuída: mantém-se "problemático",

> escorregadio, fragmentado em representações divergentes ou antagônicas. (LOURO, 2000, p.71)

Com isso, é evidente a contextualização de uma cultura patriarcal dominante, entendo cultura como uma forma de construção social baseada no patriarcado, o qual é visto como uma esfera social ou uma estrutura de poder social masculina ou centrada no homem. Baseia-se na figura paterna e relaciona instâncias públicas e privadas da vida social. Considerando que, a partir das discussões propostas, é possível inferir que muito do que se refere ao feminino e a mulher se tornam tabus e assuntos a serem abordados de forma cautelosa, cuidadosa, quase como se "a mulher fosse sair da jaula", caso o tema seja tratado de forma demasiada assertiva.

Chamou a atenção também o fato de que quando fiz a pergunta acerca de como as entrevistadas lidavam e entendiam assuntos relacionados a sua menstruação com a seguinte pergunta na entrevista semiestruturada: "Como viveu a chegada da primeira menstruação, o que te foi falado sobre isso?" as mulheres, grande parte das vezes, evitaram discorrer sobre o tema e contornaram o assunto ao falar sobre a vergonha da sexualidade e da dificuldade de lidar com o próprio corpo, principalmente neste primeiro momento do contato com o sangue da menstruação, e, dessa forma, relataram a falta de informações e instruções que lhes foram dadas.

É interessante, portanto, considerar o papel da escola na promoção de uma educação crítica que discuta além da política, democracia, o exercício da cidadania e o funcionamento das estruturas políticas no país, a importância das relações de gênero, raça e classe e os cuidados e a relação com o corpo. É fundamental criar e promover grupos de socialização e estudos envolvendo homens e mulheres no ensino básico e superior. Os papéis e estereótipos de gênero devem ser discutidos e, por meio desses debates, as alunas também serão incentivadas a assumir papéis de liderança, seja na escola e ou na comunidade, em geral.

2.3 A construção da identidade coletiva de gênero

Nos tempos atuais, a palavra gênero tem tido muita repercussão, principalmente na mídia e nas redes sociais. Às vezes, o termo apresenta um peso negativo e é retratado como uma causa de destruição da "família tradicional, ordem e bons costumes". Durante muito tempo foi mencionado na agenda das lutas políticas como resistência aos padrões sociais. Mas, em última análise, o que é gênero?

Para muitas pessoas, o gênero está diretamente relacionado a duas palavras: masculino

e feminino. No entanto, é difícil generalizar dessa forma. O conceito refere-se às categorias sociais que distinguem homens e mulheres com base nos papéis de gênero atribuídos a eles por origens históricas e culturais. (SCOTT, 1986).

Beatriz Quadrado (2014) quando discute sobre o conceito de identidade fala do conceito atrelando o individual ao coletivo para demonstrar que, portanto, não existe identidade individual e coletiva fixa, e, considerando esta ideia da não estaticidade das identidades, a autora apresenta esta como uma das formas pelas quais os movimentos negros brasileiros deveriam e poderiam se organizar para ressignificar construções racistas sobre a estética negra no imaginário brasileiro. Da mesma forma, a visão social e patriarcal sobre o corpo da mulher, como uma identidade coletiva, pode e deve ser revisitada e redefinida de forma político-social.

Um dos caminhos que podem ser usados como estratégia para modificar essa identidade coletiva é a de enaltecer e elevar a autoestima de determinado grupo como, por exemplo, no caso do estudo de Quadrado (2014), a população negra; e, olhando para o tema desta pesquisa das mulheres e da visão social do que de fato é o feminino. Mas este caminho ainda é feito de questões, tais como as que nos apresenta Margareth Rago:

> E, nesta direção, pergunta como podem elevar a autoestima, se, para começo de conversa, seus órgãos sexuais, tidos como definidores de sua suposta essência, desde as origens dos tempos, são pensados e representados tão pejorativamente? Afinal, avança o autor (Gerard Zwang), por que não nos utilizamos de metáforas alegres, bonitas, florais para fala de nosso próprio corpo e de nosso próprio sexo, para enunciar o desejo feminino tão reprimido e desqualificado ao longo da História? (RAGO, 2000, p. 293)

É evidente, através das leituras realizadas para a elaboração desse trabalho, que a construção social do feminino e do conceito de feminilidade sempre caem em questões relacionadas ao cuidado, ao espaço doméstico e a docilidade. Conforme a autora Maria Rita Kehl (2008).

> A feminilidade aparece aqui como o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, com função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora; a partir daí, atribui-se às mulheres um pendor definido para ocupar um único lugar social- a família e o espaço doméstico-, a partir do qual se traça um único destino para todas: a maternidade. (KEHL, 2008, p. 47-48)

Portanto, existe um trabalho a ser feito com relação a visão social das próprias mulheres sobre si mesmas e sobre o próprio corpo, a fim de enaltecer o feminino. Sendo assim, o ambiente escolar se faz novamente extremamente relevante nesta discussão, sendo este o ambiente no qual os indivíduos se reconhecem de forma primordial e, assim, também podem reconhecer o mundo e a sociedade no qual estão inseridos. Portanto, não há como desvencilhar a discussão de reconstrução do imaginário subjetivo de uma sociedade sem, então, repensar a forma como se estrutura as discussões e temas abordados dentro da instituição escolar; bem como, das memórias, ensinamentos que trazem os/as estudantes, professores/ras acerca das transmissões de modelos acerca do é feminilidade, masculinidade.

2.4 **A história oral e a memória**

A fim de discutir e pensar a ideia de oralidade no contexto da pesquisa, se faz fundamental a relação deste trabalho com a definição de história oral, e, assim, apresento a ideia da autora Maria Isaura Pereira de Queiroz (1987), a qual define o campo estudado como:

> "História oral" é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação sequer completar. Colhida por meio de entrevistas de de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. (QUEIROZ, p. 277, 1987)

Ainda, entendendo os relatos orais como a principal fonte de pesquisa neste trabalho, busco compreender de que maneira foi possível utilizar e aproveitar esses relatos da melhor forma possível, e, portanto, procurei também me basear na reflexão da autora sobre a ideia de que os relatos orais foram e ainda são de extrema relevância quando o que se investiga é entender a experiência efetiva dos narradores. Conforme a autora.

> Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período do tempo. A história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas também recolhe destas tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo. (QUEIROZ, p. 277, 1987)

Dessa forma, entendendo a memória das narradoras dos relatos recolhidos como um dos principais meios pelos quais pude permear e me aventurar durante a pesquisa, apresento a ideia da autora Olga Von Simson (2003) que define memória como:

> Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos etc.). (VON SIMSOM, 2003, p. 14).

E assim sendo, permeando a relação das memórias vivenciadas e partilhadas pelas entrevistadas e suas famílias, importante trazer o que a autora pontua acerca da "construção compartilhada da memória":

> Essas memórias subterrâneas geralmente se encontram muito bem guardadas no âmago de famílias ou grupos sociais dominados nos quais são cuidadosamente passadas, de geração a geração, através de relatos, músicas, quadras poéticas, ocasiões em que os membros do grupo se auxiliam mutuamente na tarefa de relembrar, cada um contribuindo com detalhes que detonam processos rememorativos dos outros participantes. É o que denominamos uma construção compartilhada da memória. (VON SIMSOM, 2003, p. 15).

Neste sentido, e pensando na importância que engloba a discussão e valorização dos registros e relatos orais de experiências e vivências antigas, é de suma relevância a designação de que, afinal, a memória e a capacidade de desenvolver uma transmissão de práticas e conhecimentos através de diferentes gerações, torna a experiência do saborear a vida humana ainda mais interessante.

> Trazer as experiências antigas para as novas gerações é permitir a elas que continuem o desenvolvimento a partir de determinado ponto e não comecem sempre do zero. Memória é a capacidade de transmitir a cultura entre gerações, o que nos diferencia de outros animais. (VON SIMSOM, 2003, p. 15).

Portanto, a transmissão de experiências vivenciadas por diferentes gerações seria um ponto de partida para os sujeitos compreenderem o mundo a partir de uma visão já existente em seu núcleo, e, dessa forma, trazer essas memórias para as novas gerações evidencia uma troca

cultural entre os indivíduos de determinado núcleo. Ao mesmo tempo que coloca ingredientes para refletir e transformar o presente.

Além disso, a visão social e patriarcal sobre o corpo da mulher, como uma identidade coletiva, pode e deve ser revisitada e transformada de forma político-social, tendo em vista a identidade do corpo e sexualidade do gênero feminino como um meio para ressignificar construções misóginas e repletas de tabus sobre a mulher no imaginário brasileiro.

Capítulo II. Metodologia

Assim sendo, e para responder as questões que a pesquisa se propôs investigar, bem como, considerando o período da pandemia de Covid-19[3] que inviabilizou a realização de trabalhos de campo, em que seria importante o contato direto entre a observadora e as observadas (pesquisadora e pesquisadas), foi necessário a adaptação de métodos de caráter empírico para serem realizados através do uso da internet.

Desde o estabelecimento da internet como meio de comunicação e da constituição de grupos sociais possibilitados pelas facilidades da comunicação em rede, alguns pesquisadores perceberam que as técnicas de pesquisa etnográficas também poderiam ser utilizadas para o estudo das culturas e das comunidades agregadas via internet, fossem elas derivadas de grupos sociais já constituídos no offline e que, nesse momento, migram e/ou transitam entre esses espaços ou mesmo formações sociais compostas apenas por relações online (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, p. 170). Assim, inspirada pelas adaptações possíveis que a etnografia como forma de conhecimento vem realizando, resolvi trazê-la para a construção analítica acerca do modo como fui construindo a pesquisa com o uso da internet.

Os procedimentos advindos para elaboração desta pesquisa deram-se através da pesquisa de cunho qualitativa on-line utilizando dispositivos como, celular/ whatsapp, Google Meet/computador. Salientando que a pesquisa traz as narrativas de mulheres que representam, assim, seus respectivos núcleos familiares.

Inicialmente, como metodologia utilizada, escolheu-se a pesquisa exploratória de cunho qualitativo, de natureza básica, através de levantamentos bibliográficos e pesquisa de campo para a realização de entrevistas. Assim, " (...) esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem" (AUGUSTO et al, 2013, p.748), proporcionando uma maior familiaridade com o tema, através de uma análise minuciosa e descritiva.

Os relatos orais foram se constituindo a partir das entrevistas com as mulheres, a fim de compreender as vivências e a valorização (ou não) das ancestralidades, além da relação que essas mulheres mantêm com o próprio corpo; observando o papel do silêncio na oralidade, o qual tem representação de grande relevância nos relatos.

---

[3] O Ministério da Saúde confirmou, no dia 26/02/2020, o primeiro caso de coronavírus em São Paulo. Ver em: https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus.

O ambiente da pesquisa, portanto, foi se estabelecendo através de meios digitais, de conversas via audiovisual no whatsapp[4] e, outra parte, de forma presencial seguindo os protocolos de segurança propostos pela OMS[5]. Dessa forma, todas as entrevistas que foram realizadas de forma presencial contaram com gravação de audio e estão armazenadas em documentos (salvos em formato MP3), para audição e visualização quando necessário.
Considerando o método das entrevistas semi estruturadas como o principal deste trabalho, me baseio teórico-metodologicamente na autora Maria Isaura Pereira de Queiroz (1987), a qual traz grande contribuição para a análise das narrativas e relatos orais, bem como para a compreensão do conceito de história oral. Considerando isto, apresento o relato oral das mulheres entrevistadas como método fundamental de reflexão e fonte de preservação e transmissão de conhecimento. Conforme a autora:

> No entanto, através dos séculos, o relato oral constituirá sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale a dizer, fora a maior fonte de dados para as ciências em geral. Em todas as épocas a educação humana (ao mesmo tempo formação de hábitos e transmissão de conhecimentos, ambos muito interligados) se baseará na narrativa, que encerra uma primeira transposição: a da experiência invisível que se procura traduzir em vocábulos. (QUEIROZ, p. 274, 1987)

Considerando essas práticas, pretende-se relacionar os dados coletados na revisão bibliográfica, documental (PCNs; IBGE; Constituição do Brasil) e pesquisa de campo para que seja possível uma dimensão da pesquisa com grande rigor.

Num sentido mais amplo, portanto, a inspiração na pesquisa qualitiativa tem na antropologia um norte para captar a educação humana, uma forma de transmissão de conhecimentos e formação de hábitos (QUEIROZ, 1987); um estudo do ser humano em sua diversidade. Pois, como nas palavras de François Laplantine:

> A antropologia não é apenas o estudo de tudo que compõe uma sociedade, ela é o estudo de todas as sociedades humanas (a nossa inclusive). Ou seja, das culturas de humanidade como um todo em suas diversidades históricas e geográficas. (LAPLANTINE, p.20, 1972)

Procurei compreender de forma mais abrangente as relações interpessoais e também as variadas formas de transmissão de saberes através dos depoimentos das mulheres, sujeitas

[4] WhatsApp é um aplicativo de troca de mensagens e comunicação em áudio e vídeo pela internet, disponível para smartphones Android, iOS, Windows Phone, Nokia e computadores Mac e Windows. O programa tem mais de 1,5 bilhão de usuários ativos mensais espalhados por mais de 180 países.

[5] Ver as normas e protocolos de segurança seguido durante as entrevistas presenciais: shttps://sbpt.org.br/portal/covid-19-oms/

entrevistadas.

Realizar a revisão de toda a pesquisa elaborada a fim de verificar a coerência e a coesão dos dados coletados. Além de verificar a relevância do método e dos resultados para o projeto, e se este realmente cumpriu o objetivo esperado de dar respostas ao problema delimitado. A fim de compreender e destacar pontos relevantes que surgiram nos momentos das entrevistas semi-estruturadas.

Além disso, utilizei de estratégias de levantamento bibliográfico, levantamento de dados através de questionário aplicado e também fontes documentais - normativas, considerando, assim, os seguintes fundamentos:

A) Sobre a pesquisa exploratória de cunho qualitativo: utilizou-se asseguintes plataformas *online* de pesquisas: a) SCIELO- Biblioteca Científica Eletrônica; b) Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; c) PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero PAGU; d) Biblioteca da ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação ePesquisa em Educação; e e) BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

B) Sobre o levantamento bibliográfico: utilizou-se para a pesquisa as contribuições de autores como: Barreto (2001); Laplantine (1972); Finco (2009); Caux (2018); Queiroz (1987); Simsom (2003); Rago (2000); entre outros.

C) Sobre as entrevistas: foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres a fim de levantar dados sobre as identidades coletivas de gênero e suas relações com o próprio corpo a partir da visão social e da transmissão oral de conhecimentos entre gerações.

3.1 Procedimentos

A pesquisa seguiu as seguintes etapas: a princípio, a delimitação do tema.

A pesquisa exploratória se deu a partir do levantamento bibliográfico, pelo portal CAPES, referente ao objeto de estudo, pertinentes em artigos científicos, publicações em periódicos, livros, matérias de jornais virtuais, dissertações de mestrado, teses de doutorado e outras fontes, primárias e secundárias.

Na sequência, selecionei os núcleos a serem pesquisados para assim realizar as entrevistas semi-estruturadas. Registrou-se as observações do pesquisador num diário de campo e foram analisados os dados coletados resgatando a questão que suscitou a investigação.

3.2 Pesquisa de campo: universo e amostra

Segundo Contandriopoulos (1994),

> [...] toda questão de pesquisa define um universo de objeto aos quais os resultados do estudo deverão ser aplicáveis. A população alvo é composta de elementos distintos possuindo um certo número de características comuns. Quando a população alvo é grande demais para ser usada integralmente, é necessário escolher uma amostra. (CONTANDRIOPOULOS, 1994, p.57).

Portanto, para desvendar os problemas definidos pelo tema da pesquisa, foram selecionados três núcleos familiares compostos por mulheres de diferentes gerações, a fim de compreender as questões relacionadas ao conceito de "feminino" e a transmissão de conhecimentos no contexto familiar.

3.3 Entrevistas semiestruturadas e os núcleos selecionados

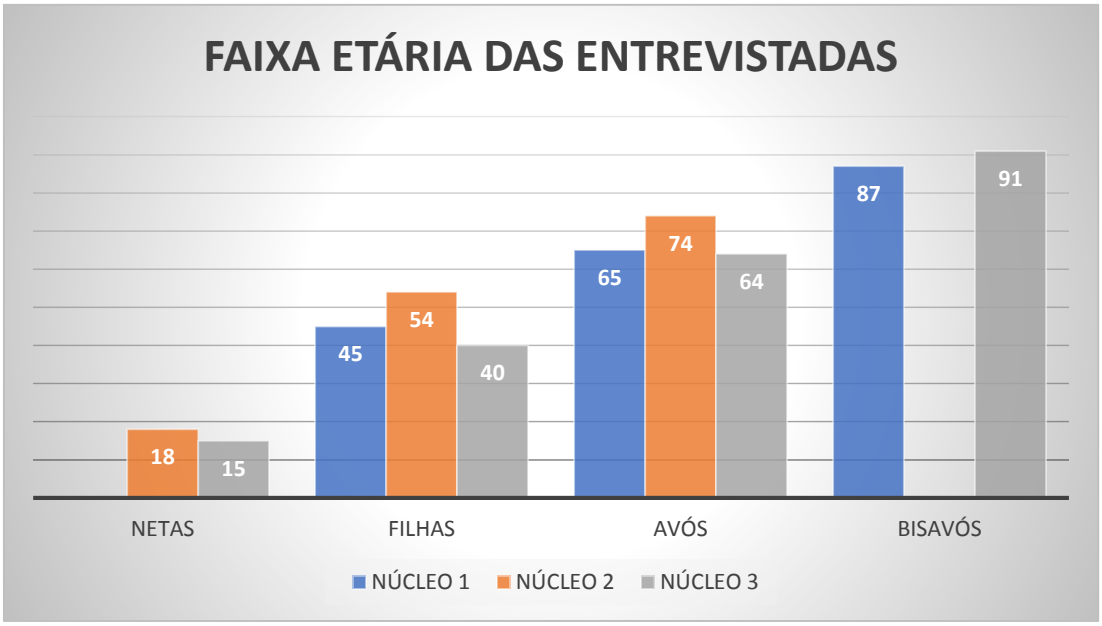
Os 3 núcleos familiares foram selecionados a partir de conversas e discussões com mulheres próximas e conhecidas da cidade em que moro, Tatuí – SP, na busca de encontrar núcleos os quais fossem compostos por ao menos 3 mulheres de diferentes gerações que convivessem entre si.

Os resultados da pesquisa são frutos das entrevistas semiestruturadas realizadas de forma remota e presencial. Foram 10 entrevistadas, sendo essa a totalidade de dados consultados para a elaboração das análises. As perguntas formuladas para a captura destes dados encontram-se no Apêndice A.

A fim de melhor compreender as histórias e posicionamentos das mulheres que se tornaram as principais interlocutoras neste trabalho, abaixo apresento alguns gráficos contendo informações úteis ao desenvolvimento das investigações.

O gráfico 1 traz cada um dos núcleos entrevistados e suas respectivas faixas etárias, demonstrando a média de idades de cada uma das 4 gerações.

Gráfico 1 – Faixa Etária das Entrevistadas



Fonte: entrevistas realizadas pela autora.[6]

O núcleo 1 é composto por 3 mulheres, sendo que a geração das filhas está na faixa etária de 45 anos, a geração das avós 65 anos e a geração de bisavós está na faixa dos 87 anos.

O núcleo 2 é composto também por 3 mulheres, sendo que neste núcleo se apresenta a geração das netas, que está na faixa dos 18 anos, a geração das filhas está na faixa etária de 54 anos, a geração das avós está na faixa dos 74 anos.

O núcleo mais completo que passa por todas as 4 gerações é o núcleo 3. O qual apresenta uma variação de 15-91 anos. Sendo que neste núcleo se apresenta a geração das netas, que está na faixa dos 15 anos, a geração das filhas está na faixa etária de 40 anos, a geração das avós está na faixa dos 64 anos e, por fim, a geração das bisavós que se apresenta na faixa dos 91 anos.

O gráfico 2 apresenta de forma geral as situações profissionais de cada uma das entrevistadas e, em razão das mulheres das gerações de avós e bisavós serem parte fundamental e expressiva da pesquisa, é possível notar a alta porcentagem de mulheres já aposentadas integrantes deste trabalho.

[6] GAUDENCI, Anna Giulia. 2021.

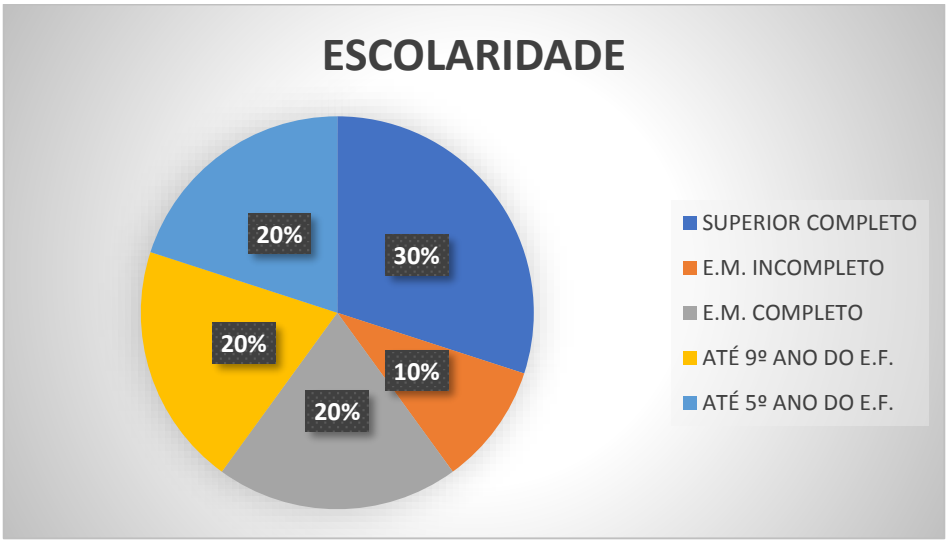
Gráfico 2 – Situação Profissional das Entrevistadas

Fonte: entrevistas realizadas pela autora.[6]

É possível visualizar no Gráfico 2 que 20% das mulheres entrevistadas são estudantes e também outros 20% são autônomas, enquanto que 10% são comerciantes e, metade dessas mulheres (50%) se encontram aposentadas.

O gráfico 3 aborda os níveis de escolaridade das mulheres participantes da pesquisa e, assim, é possível inferir que a maior parte das entrevistadas não possuem nível superior completo.

Gráfico 3 – Nível de Escolaridade das Entrevistadas

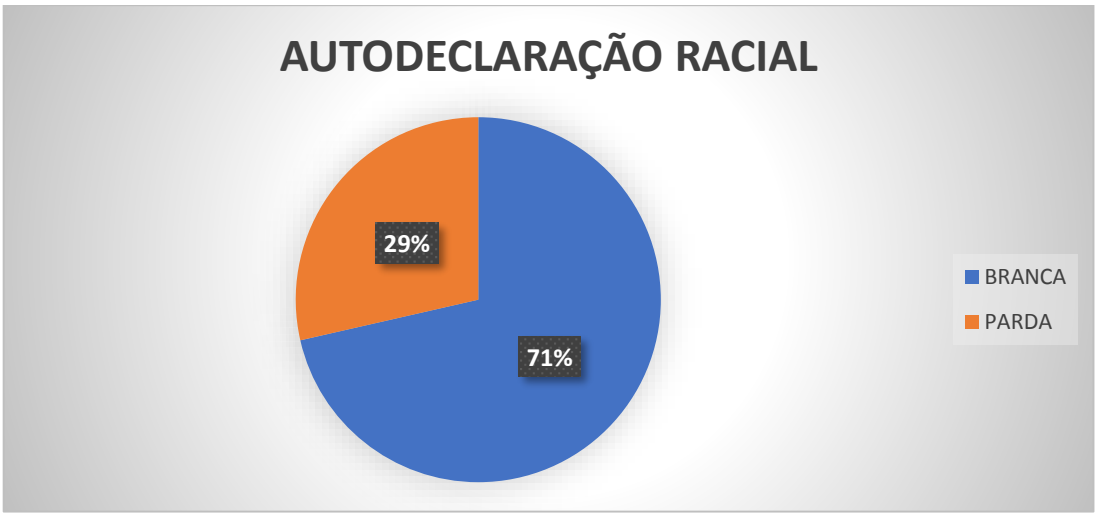


Fonte: entrevistas realizadas pela autora.[6]

Acima, é possível observar que 20% das mulheres entrevistadas neste trabalho completaram até o 5º ano do E.F., também 20% completaram até o 9º ano do E.F. e as outras 20% completarm o E.M.. Enquanto isso, 10% cursaram o E.M., porém de forma incompleta, e apenas 30% dessas mulheres apresentam nível superior completo.

O gráfico 4 representa a autodeclaração racial das entrevistadas e mostra que grande parte das mulheres que compõem o trabalho são brancas e uma minoria se autodeclara parda. Além disso, nenhuma mulher se autodeclarou negra.

Gráfico 4 – Autodeclaração Racial das Entrevistadas



Fonte: entrevistas realizadas pela autora.[6]

A respeito dessas autodeclarações, acredito ser importante pontuar quanto a questão da mestiçagem no Brasil, tendo em vista que 29% das entrevistadas se autodeclaram como pardas e, mesmo sem esta opção ter sido colocada, é interessante entender o processo da discussão sobre a mestiçagem no Brasil. Conforme Munanga:

> [...] a elite "pensante" do País tinha clara consciência de que o processo de miscigenação, ao anular a superioridade numérica do negro e ao alienar seus descendentes mestiços graças a ideologia de branqueamento, ia evitar os prováveis conflitos raciais conhecidos em outros países, de um lado, e, por outro, garantir o comando do País ao segmento branco[...] (MUNANGA, 2008, p.75)

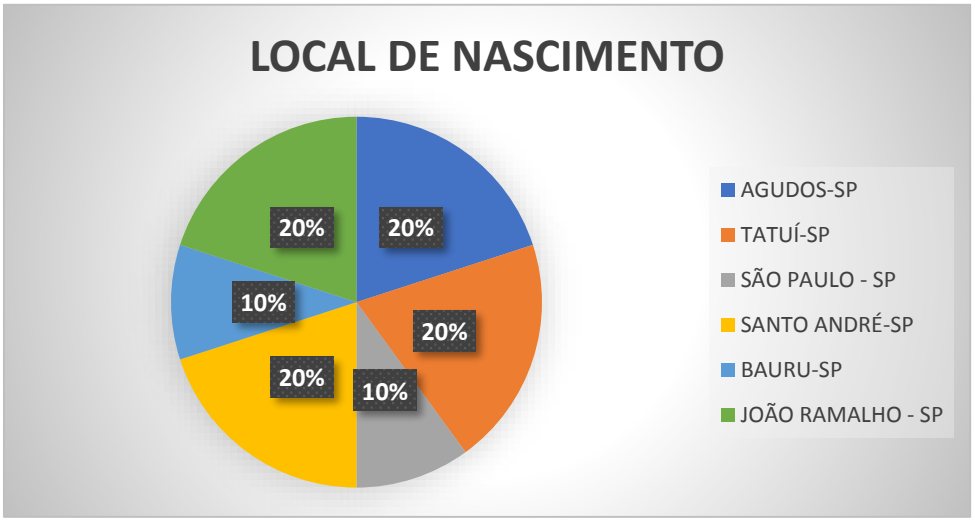
E ainda:

> Tinha-se a concepção da negatividade da presença negra para a constituição da identidade nacional, para isso tem se a uma nova categoria étnica para o país: o mestiço. No senso comum mestiço significa a mistura, mais especificamente entre brancos, índios e negros, mas há uma maior complexibilidade, envolve questões históricas, políticas e ideológicas, menosprezando as diferenças nestes âmbitos. (FLOOR,2014, p. 2)

Dessa forma, faz-se presente nesse trabalho de forma considerável a questão histórica da mestiçagem no Brasil, em razão das entrevistadas abordarem essa questão durante as entrevistadas.

Abaixo, apresenta-se o gráfico que contém o local de nascimento das mulheres, todas estas nascidas no Brasil e no estado de São Paulo, fato este que torna este trabalho relevante ao pensar na visão dessas mulheres a respeito do tema em questão: as mulheres e sua relação com o fato de serem mulheres.

Gráfico 5 – Local de Nascimento das Entrevistadas



Fonte: entrevistas realizadas pela autora.[6]

No último gráfico, podemos observar as cidades de nascimento das entrevistadas, sendo estes os mais diversos dentro do espectro do interior do estado de São Paulo, sendo que 20% das entrevistadas nasceram na cidade de Agudos – SP, 20% das entrevistadas nasceram na cidade de Tatuí – SP, 20% das entrevistadas nasceram na cidade de Santo André – SP, 20% das entrevistadas nasceram na cidade de João Ramalho – SP, e, quanto isso, 10% das entrevistadas nasceram na cidade de São Paulo – SP, e as outras 10% nasceram na cidade de Bauru- SP.

Portanto, é possível inferir que os resultados dessa pesquisa demonstram a realidade dessas perspectivas e interpretações.

No tocante a construção do roteiro das entrevistas semiestruturadas, acredito ser interessante pontuar a importância de pensar perguntas as quais pudessem ser as mais simples e objetivas possíveis, evitando influenciar e direcionar as respostas dessas mulheres. Dessa forma, pude entender, como pesquisadora, a profundidade que existe em uma pesquisa de campo feita através da busca de uma ideia coletiva sobre o tema pesquisado, e, ainda assim, compreender a importância de ouvir.

Ouvir essas mulheres e estar presente no momento da entrevista como pesquisadora, mas também como mulher, formanda em Pedagogia em uma Universidade Pública, cheia de opiniões e meias verdades sobre o que entendo do mundo e de mim mesma, foi realmente uma experiência desconcertante e relevadora. Acho necessário e importante pontuar no início deste trabalho, antes mesmo de analisar as entrevistas, o quão transformadora essa prática foi para mim.

3.4 Coleta de dados

O trabalho de campo consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com mulheres pertencentes a diferentes núcleos familiares, sendo estas representantes de pelo menos três diferentes gerações.

Conforme explica Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), a abordagem qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. Deslauriers (1991 apud GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 32) ainda diz que “o objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações”.

4 Capítulo III. Análise das Falas e Pontuações coletadas nas entrevistas semiestruturadas

4.1 De tabus, silêncios e outras ausências

A fim de compreender como se dá a relação das mulheres de diferentes gerações com os conceitos sobre feminino na cidade de Tatuí[7], no interior do estado de São Paulo, compreendi então que uma das formas para chegar no seio dessas discussões seria através de entrevistas semiestruturadas com algumas mulheres de núcleos específicos.

Dessa forma, entrei em contato com algumas mulheres da cidade em questão. Tinha o conhecimento de que pertenciam a núcleos familiares os quais eram formados por, ao menos, 3 (três) gerações diferentes de mulheres. Todas demonstraram disponibilidade e interesse em participar da dinâmica proposta. Assim sendo, avancei para a realização de entrevistas utilizando de plataformas digitais online, levando em consideração o momento pandêmico que se apresenta; ou, presencialmente, quando não havia a possibilidade de fazer a gravação da entrevista online devido algum obstáculo, como problemas de audição, falta de boa conexão com a internet, etc.

Assim, todas as mulheres aceitaram participar de forma a serem identificadas no trabalho e, portanto, usarei os primeiros nomes de cada uma para facilitar o entendimento do(a) leitor(a).

As gerações ficam determinadas em 4 segmentos e, para definir as diferentes gerações, usarei nessa pesquisa os seguintes conceitos: Bisavós (mulheres com idades em torno de 90 anos), avós (mulheres com idades em torno de 60 anos), filhas (mulheres com idades em torno de 45 anos) e netas (mulheres com idades em torno dos 18 anos).

A seguir, evidenciarei os resultados obtidos através das entrevistas com essas mulheres que destacam pontos relevantes acerca do tema.

No primeiro núcleo familiar entrevistado, todas as entrevistas foram realizadas de forma presencial e respeitando as normas de segurança contra a COVID-19. Neste núcleo se apresentam 3 mulheres: Andréia (filha, 45 anos), a qual foi bem objetiva nas respostas, pareceu confortável ao desenvolver a conversa e aparentou descontração, rindo e fazendo comentários

[7] Tatuí é um município brasileiro do estado de São Paulo, dá o nome à sua Microrregião e localiza-se na Mesorregião de Itapetininga e na Região Metropolitana de Sorocaba, distante 131 km da capital, está a uma altitude de 645 metros, possuindo uma área de 525,44 km² e sua população, conforme estimativas do IBGE de 2021, era de 124 134 habitantes.

irreverentes, com humor; Ângela (avó, 66 anos), demonstrando muito desconforto ao tratar de temas como corpo e sexualidade e, ao falar sobre ser mulher, mostrou com suspiros e expressões estar cansada da "vida de mulher", como ela diz: "do lar". Contextualiza em muitos momentos que hoje, na idade em que se encontra, a parte sexual feminina não faz mais parte da sua vida; e Evanir [8] (bisavó, 87 anos), tendo esta se mostrado muito confortável e animada ao falar sobre sua história e sua família, apresentando um tom triste e mais baixo quando falava sobre as filhas não a visitarem. Quando o assunto permeia o tema sexualidade, ela ria ao responder, com certo desconforto e distanciamento, talvez com a intenção de se distanciar das perguntas.

No segundo núcleo estudado, todas as entrevistas também foram realizadas de forma presencial e respeitando as normas de segurança contra a COVID-19. Neste núcleo, encontramos também 3 mulheres, Maria Clara (neta, 18 anos), a qual durante a entrevista foi possível observar uma postura de naturalidade ao referir-se ao tema "corpo" ou "menstruação", entretanto, ao se deparar com perguntas que permeiam o tema da sexualidade, existia um incomodo e nervosismo em seu tom de voz, e, assim, as respostas eram precedidas de silêncio.

Entretanto, esse silêncio não demonstrava dificuldade de se recordar ou esquecimento de fatos, tendo em vista que os fatos ou a confusão a respeito de tempo e das respostas não se fez presente em momento algum durante a entrevista, tudo parecia muito fácil ao alcance da memória e, assim, foi possível perceber que para a entrevistada, as lembranças da infância e das vivências com relação ao tema estudado se fizeram muito relevantes; a próxima entrevistada deste núcleo foi Lucilene (filha, 54 anos), sendo possível durante a entrevista constatar tristeza e decepção ao falar sobre seu pai em sua história. Ao tratar de temas como sexo, é possível também notar um certo tom de incômodo e distanciamento/ vergonha. Sobre a menstruação e o corpo, é perceptível um certo nojo e receio ao expor algo de cunho considerado muito íntimo à entrevistada; e Maria Inês (avó, 74 anos), que, durante a entrevista, foi possível perceber tristeza e um tom nostálgico ao falar sobre a família, principalmente tratando-se de seus pais. Algumas vezes, um certo incômodo e a necessidade de abaixar o tom de voz para tratar de temas como sexo e relacionamentos, mesmo que não houvesse ninguém por perto que pudesse ouvir.

No terceiro e último núcleo familiar apresentado, parte das entrevistas foram realizadas de forma presencial e outra parte de forma remota através de vídeo chamada pelo WhatsApp. Neste núcleo, apresentam-se 4 mulheres, sendo este o único núcleo com 4 gerações diferentes

[8] A senhora Evanir Nogueira Pinto *(in memoriam)* fez parte essencial e fundamental da pesquisa poucos meses antes de falecer, e, assim, aqui estão registrados seus últimos relatos em vida.

participantes da pesquisa. Larissa (neta, 15 anos), a qual realizou a entrevista de forma remota, e demonstrou estar aberta ao tema, apesar de um pouco tímida e fechada. Sempre que abordava o assunto “mãe”, demonstrou afeto e confiança em suas palavras; Aline (filha, 40 anos), também entrevistada de forma remota e se mostrou muito confortável com o tema, até mesmo permeando temas que se distanciavam das perguntas que guiaram a conversa e aprofundou as respostas com temas além dos propostos; Cacilda (avó, 64 anos), a qual se mostrou extremamente reservada. Foi sucinta e objetiva e se restringiu estritamente às respostas mais curtas dentro da possibilidade de cada pergunta. Ao abordar temas de cunho sexual e sobre o corpo, mostrou-se muito envergonhada e com dificuldade para falar; e Elvira (bisavó, 91 anos), esta transpareceu conforto ao falar sobre a história de sua vida, porém, muito objetiva e sucinta, também com pouca paciência e atenção aos detalhes ao discorrer sobre os temas considerados "tabus" sexuais e sobre o corpo feminino.

A partir da realização das entrevistas semiestruturadas com essas mulheres de diferentes gerações e núcleos familiares, é possível perceber primeiramente o conflito que existe entre a mulher e a ideia de “ser mulher”, principalmente nas gerações mais recentes.

Para compreender as falas e posicionamentos das entrevistadas, considerando que esses discursos definem e afetam os modos de ser e agir das mulheres, fundamento as próximas argumentações na ideia de Foucault (1984) para analisar quais foram os efeitos de subjetivação a partir da existência de discursos que pretendiam dizer uma verdade para esses sujeitos sobre eles mesmos. Sobre a questão de em que momento o homem pensa sobre si mesmo e percebe-se como sujeito e, assim, como sujeito que erra e que merece determinadas punições, ele questionou:

> Através de quais jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando se percebe como louco, quando se olha como doente, quando reflete sobre si como ser vivo, ser falante e ser trabalhador, quando ele se julga e se pune enquanto criminoso? Através de quais jogos de verdade o ser humano se reconheceu como homem de desejo? (FOUCAULT, 1984, p. 13).

Com isso, partindo do ponto de que todas as entrevistadas dizem se identificar com o gênero feminino, se fazem interessantes as observações das entrevistadas a respeito de si próprias e deste gênero, considerando que o discurso é um lugar de luta permanente, e, por isso, deve ser visto também como “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que fala [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 60).

> Para Foucault, as palavras e as coisas se relacionam de maneira complexa, porque essa relação é histórica, está repleta de construções e interpretações e perpassada por relações de poder. É preciso, então, descrever a dispersão dos acontecimentos discursivos "[...] através dos quais, graças aos quais e contra os quais [...]" (GREGOLIN, 2007) se estabelecem os regimes de verdade. (ALVES, PIZZI, 2014, p. 83, ***apud*** GREGOLIN, 2007**)**

4.2 O conceito de "mulher"

Em relação ao conceito de gênero como dinâmica social, Saffioti (1992) comenta que: "quando não se concebe o gênero como relação social que é, mas como oposições decorrentes de traços inerentes aos distintos seres, não se é capaz de perceber os diferentes poderes detidos – sofridos por homens e mulheres." (p. 193). Portanto, questionar e refletir sobre estes conceitos do que é mulher, homem é essencial para pressupor a possibilidade de transformação na sociedade.

Ao perguntar às entrevistadas sobre o que acham que é uma mulher, trechos como "A mulher é um ser especial, infelizmente existem mulheres cruéis, que não se valorizam, não se prezam (Lucilene, 54 anos, filha, núcleo 2)" ou "Eu acho que tem que cuidar da família, de renda, de tudo, é por vista na família." (Evanir, 97 anos, bisavó, núcleo 1)" "Ser mãe, ser esposa. (Cacilda, filha, núcleo 3)", e ainda "Ser mulher é... sou dona de casa, cuido da minha netinha quando precisa, cuido da minha mãe de 87 anos, tenho um bom relacionamento com meu marido" (Ângela, 65 anos, avó, núcleo 1) coloca a mulher em um lugar de submissão à normas e regras patriarcais. O conceito da identidade feminina e de "ser mulher" de forma geral se atém ao fato de que esse gênero estaria sempre disposto para cuidar, servir e ser dócil, não se opondo a quaisquer ordens pré-estabelecidas e jamais se opondo a um controle. Nesta direção, segundo Coelho e Baptista (2009):

> Pode-se dizer, portanto, que o mundo moderno atribuiu à mulher funções próprias do domínio privado, como os cuidados da casa e dos filhos, na manutenção de uma estrutura que permitiu aos homens o envolvimento com assuntos políticos e econômicos, próprios do domínio público. Mulheres e crianças passaram, ainda, a serem consideradas como frágeis e necessitadas da proteção masculina. (COELHO, BAPTISTA, 2009, p. 3)

Dessa forma, o papel social das mulheres se restringiria a cuidar do homem e da família, e, com isso, esse pensamento patriarcal autoriza o pensamento social de que a mulher deve se

limitar ao ambiente doméstico. Assim, é possível observar a relação entre homem desempenhando papel de dominador e, por consequência, a mulher sendo dominada (MACEDO, FIGUEIREDO, NASCIMENTO E PIRES, 2014).

Enquanto que, as mulheres mais novas, das gerações de filhas e netas, trazem ideias sobre o feminino de formas mais diversas e que fogem de padrões pré-estabelecidos socialmente, como no seguinte trecho: "pra mim, eu vejo a parte da humanidade, a mulher é um dos vários tipos de expressar sua humanidade, e essa é minha forma de expressar, essa forma é a que eu me identifico. (Maria Clara, 18 anos, neta, núcleo 2)", ainda entendendo essa relação e observando o discurso da geração mais nova, destaco a fala de Larissa (neta, 15 anos, núcleo 3): "Ser mulher é ter o dom da vida, ser forte, guerreira, correr atrás daquilo que quer.". Tais falas evidenciam as mudanças culturais que ocorreram durante o passar das gerações, principalmente em relação ao lugar da mulher na sociedade. A ideia de que a mulher possui o "dom da vida" se conserva, entretanto, isso não restringe seu papel social como cuidadora dócil, mas sim, o amplia no sentido de força e possibilidades para conseguirem tudo aquilo que desejam.

Portanto, as identidades são representações construídas historicamente e reconhecidas por sistemas culturais e históricos, dessa forma, não sendo unificadas e engessadas, é um processo variável e de poder. Por isso, é importante ressaltar que não são naturais a um determinado grupo ou indivíduo, ou seja, são definidas politicamente, e não biologicamente. Ainda, segundo Carneiro (2003):

> Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. (CARNEIRO, 2003, p. 119)

Essas falas demonstram uma mudança muito marcante no decorrer do tempo com relação ao conceito da função da mulher na sociedade e, pensando nisso, é fundamental destacar as mudanças e transformações que ocorreram de forma diferenciada, talvez mais visíveis ou até mesmo mais aceleradas nos últimos tempos. Sobre isso, a autora Guacira Lopes Louro (2008) argumenta:

> Transformações são inerentes à história e à cultura, mas, nos últimos tempos, elas parecem ter se tornado mais visíveis ou ter se acelerado. Proliferaram vozes e verdades. Novos saberes, novas técnicas, novos comportamentos, novas formas de relacionamento e novos estilos de vida foram postos em ação e tornaram evidente uma diversidade cultural que não parecia existir. (LOURO, 2008, p. 19)

Ainda buscando entender essa diversidade cultural citada pela autora no campo do gênero, se faz necessário também pensar nas transgressões e subversões que ocorreram com o passar dos anos no tocante aos conceitos e certezas antes impostos. Conforme a autora:

> Em poucos anos, tornaram-se possíveis novas tecnologias reprodutivas, a transgressão de categorias e de fronteiras sexuais e de gênero, além de instigantes articulações corpo-máquina. Desestabilizaram-se antigas e sólidas certezas, subverteram-se as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer. (LOURO, 2008, p. 19)

Além da notória mudança que ocorre através das gerações, isto também evidencia um conflito no conceito de feminino para as diferentes gerações de mulheres. Sobre isso, Kehl (2008) explica que as definições sobre feminilidade sempre foram questionadas e revisitadas durante a história, ela argumenta:

> Não tenho com isso a pretensão de afirmar que a modernidade foi o primeiro e único período na história da humanidade em que a relação entre as mulheres e a feminilidade se desestabilizou. Ao contrário, penso que estas estruturas vêm sendo constantemente construídas e abaladas, reconstruídas e novamente desestabilizadas ao longo da história. (KEHL, 2008, p. 58)

Pensando nesta desestabilização histórica que ocorre com a ideia do feminino e do gênero durante a história da humanidade, entendo ser necessário discutir e refletir de alguma forma sobre a ideia de que uma "ideologia de gênero" estivesse sendo pensada a fim de "destruir" a família tradicional brasileira, formada com base em um sistema patriarcal que considera importante sempre definir e delimitar muito bem o espaço e os limites que homens e mulheres têm na sociedade.

A luta contra a chamada "ideologia de gênero" vem ganhando popularidade globalmente, principalmente na Europa (KÓVATZ, POIM, 2015) e na América Latina, em conjunto com diversas discussões em torno da saúde reprodutiva da mulher, educação sexual ou do reconhecimento de identidades não hetero normativas. Se, historicamente, o setor

religioso se opôs à promoção dos direitos sexuais e reprodutivos, a luta contra a “ideologia de gênero” é relativamente recente, e em vários países europeus seus supostos perigos começaram a ser exaltados a partir de 2008 (KÓVATZ, POIM, 2015).

O termo ideologia de gênero ganha um teor pejorativo a partir do momento em que este é colocado como uma ameaça muito “real” dentro do espaço escolar, sendo visto como uma possibilidade de doutrinar crianças a não se identificar com o gênero de nascimento ou serem apresentadas a ideias hiper sexualizadas logo no período da infância. É importante evidenciar a falta de argumentos concretos e baseados na realidade quando se trata deste tema.

Das reflexões que aqui se desenrolam, entendo que os grupos os quais se opõem à tal "ideologia de gênero" se apresentam como conservadores interessados em distanciar os movimentos com pautas feministas da definição de políticas públicas e controlá-los. Dessa forma, estes grupos conservadores buscam demarcar o Estado como um espaço de dominação masculino e, assim, deixam de atender às demandas de emancipação das mulheres, bem como estender direitos e cidadania ao que eles veem como uma ameaça às demandas das pessoas que compartilham uma visão de mundo considerada por eles como tradicional.

Assim sendo, e também por consequência deste distanciamento das mulheres do seio das discussões a respeito de sexualidade desde a infância, é possível também notar uma tendência que se dá a partir da observação de que todas as mulheres entrevistadas entendem que é necessário e importante falar sobre assuntos como corpo e gênero com suas filhas, como é possível observar nas seguintes falas: “Pelo que eu passei, eu acho que tem que haver essa liberdade, sabendo conversar passar esse conhecimento para sua e filha e seu filho, e acho que está mais fácil, e acho que tem que ser assim mesmo, porque é muito difícil você partir para algo que você não sabe, e nem vai poder se defender...” (Maria Inês, 74 anos, avós, núcleo 2).

Entretanto, as gerações de bisavós e avós, apesar de destacarem essa importância, mostram em suas falas que não tiveram essa vivência com suas mães e assim, repetiram esse padrão da falta de diálogo com suas filhas, como é possível observar na seguinte fala: “Não passei conhecimento nenhum, acho que o motivo é porque fui criada assim.” (Ângela, 65 anos avó, núcleo 1). Essa forma de criar meninas se repete e tem consequências para as demais gerações, como é possível observar na fala de Lucilene (filha, 54 anos núcleo 2) quando questionada sobre esses diálogos, e a falta destes ela destaca: “Depende da criação, eu luto para não ser assim com a minha família, talvez se minha mãe fosse mais aberta eu teria mais facilidade. Mas eu credito que hoje em dia isso é mais aberto.” As gerações mais novas também

destacam a importância desses diálogos, como é possível observar na seguinte fala “Eu mesma, tenho liberdade para falar com a minha mãe, mas muitas vezes não sinto tanta liberdade mesmo, como se eu fosse ser julgada ou algo assim, acho que está em mim esse tabu.” (Maria Clara, 18 anos neta, núcleo 2).

4.3 A mulher como cuidadora e figura central da família brasileira

Em quase todas as entrevistas e relatos, a mãe é tida como a figura central da família, e, se a resposta definida e quase que instantânea não se dá na imagem da “mãe”, em todas as entrevistas as mulheres apontam alguma outra mulher como a pessoa mais importante da família: alguma avó, filha ou irmã, apesar de o homem continuar ocupando a posição de poder maior, sendo esta uma das principais características de uma família categorizada como patriarcal, a qual é considerada o modelo tradicionalmente utilizado para representar família brasileira. Como aponta Mariza Corrêa:

> Com algumas variações na utilização dos termos e maior ou menor ênfase num ou noutro aspecto – por exemplo, a questão da originalidade: a família patriarcal é um produto típico da colonização portuguesa nos trópicos ou foi importada de Portugal? – em linhas gerais, esse é o modelo tradicionalmente utilizado como parâmetro, é a história da família brasileira. (CORRÊA, 1981, p. 6)

Nesse sentido, ainda, a representação desta família patriarcal se dá a partir da autoridade do chefe da família, em que a submissão da esposa e dos filhos ao pai confere ao homem o papel de chefe, enquanto isso, a figura feminina da mãe é aquela que estabelece e apresenta pautas diferenciadas de ensino-aprendizado.

> Percebe-se, então, que a família patriarcal era o mundo do homem por excelência. Crianças e mulheres não passavam de seres insignificantes e amedrontados, cuja maior aspiração eram as boas graças do patriarca. A situação de mando masculino era de tal natureza que os varões não reconheciam sequer a autoridade religiosa dos padres. (ALVES, 2009, p. 5)

Portanto, a mãe ou alguma outra figura feminina geralmente assume a maior responsabilidade no cuidado dos outros integrantes da família e, sendo assim, também são atribuídas da transmissão de informações sobre corpo e sexualidade para os outros indivíduos.

Considerando isso, então, qual seria a função da mulher na sociedade se não for a cuidadora? Terá essa mulher tempo e energia para desatrelar a função de "cuidadora" para dedicar-se a projetar suas próprias ideias e vontades no mundo? Ao se identificar com o ato de cuidar, muitas vezes as mulheres se afastam da possibilidade de outras opções, e, assim, atender e zelar aos outros torna-se sua ocupação diária.

> Observa- se no senso comum afirmações em que a naturalização da mulher como cuidadora vincula- se a diferentes lugares atribuídos a ela na família: esposa ou companheira; filha, mãe, tia, avó. De qualquer lugar, desde que seja mulher, cuidar do membro da família que está adoecido e requer atenção constante ou ainda, cuidar dos familiares para que atravessem uma fase de fragilidade a fim de preservar o direito à vida, torna- se prioritário sobre os próprios projetos. (GUEDES; DAROS, 2009, p. 124)

Portanto, é possível inferir que, a partir da compreensão de que a vinculação ao papel da responsabilidade que as mulheres são encarregadas podem ser prejudiciais tendo em vista a prioridade que esta função do "cuidar" requer, se torna fundamental para esta pesquisa compreender a visão das mulheres entrevistadas em relação ao papel social da mulher e, assim, apresentar ao debate argumentos que comprovem tais inferências.

Quando questionadas a respeito do papel da mulher, algumas respostas foram muito interessantes para entender e discutir essa questão, como: "Ser mãe, ser esposa." (Cacilda, 64 anos, avó, núcleo 3) ou ""Mulher serve pra tudo, cuidar de casa, dos filhos, não é verdade?" (Elvira, 91 anos, bisavó, núcleo 3), os verbos "ser" e "cuidar" nas definições, indicam a limitação da mulher a esses dois papéis sociais que se constituem historicamente na vida das mulheres e, dessa forma, qualquer desvio dessa função social se opõe à ordem social. Essa limitação, das mais diversas formas, explicita que a opinião das meninas não é considerada ao se tratar de sexualidade. Dessa forma, ao entender que assuntos que permeiam o corpo e a reflexão sobre o papel social da mulher se tornam "proibidos", palavra utilizada por uma das entrevistadas, denunciam como as meninas são expropriadas de sua autonomia sexual.

Ainda com relação a falta de autonomia das mulheres e meninas com sua sexualidade, relatos que evidenciam o tratamento diferenciado entre meninas e meninos durante a infância são também muito comuns nas entrevistas, como no enunciado a seguir: "Mulher é dona de casa, lava, passa, cozinha cuida. Não me lembro do meu irmão lavar louça, passar pano, eu lembro de mim, uma mulher fazendo isso!" (Andréia, 45 anos, filha, núcleo 1). Tal narração

reforça a desigualdade de gênero na experimentação e aprendizado com relação ao desempenho de papeis sociais na família.

Dessa forma, parece que a autonomia feminina não deve ser estimulada, de acordo com os padrões morais vigentes. A ideia do *sexual double standard*[9], que considera a existência de normas culturais distintas sobre sexualidade masculina e feminina, e sobre papéis de gênero, incluindo padrões de comportamento que marcam a diferença de poder, estão presentes nos discursos apresentados, naturalizadas pela maioria das mulheres entrevistadas, principalmente as gerações de avós e bisavós. O *sexual double standard*, ao permitir socialmente que homens desempenhem funções de poder desde muito novos no âmbito familiar, apresenta como consequência a restrição ao acesso à educação e saúde sexual, e, portanto, também demonstra um contexto no qual tal restrição faz com que cumprir tais normas e funções anulam de forma demasiada e muitas vezes prejudicial planos e metas individuais.

> Cuidar dos familiares, dos companheiros, em concomitância com as atividades sócio-ocupacionais, para cumprir normas historicamente criadas e interpretadas como inerentes à natureza feminina, tornam- se aspectos de uma realidade que tende a desprender- se de seus sujeitos e apresentar- se como eterna. (GUEDES; DAROS, 2009, p. 123)

Assim, o foco da mulher se torna o âmbito familiar e os outros, portanto, esta função não tem um prazo de validade, ou seja, não existe um objetivo final a ser cumprido e alcançado, mas, assim como é possível observar nas entrevistas, mesmo as mulheres das gerações de avós e bisavós ainda cumprem funções sociais referentes ao cuidado, mesmo estando aposentadas ou nunca tendo desempenhado uma situação profissional ativa no mercado de trabalho. Portanto, esta seria considerada uma função inerente a natureza da mulher, demonstrando então que este papel social é de forma geral atribuído ao gênero feminino e, além disso, também é considerado um trabalho não formal e, sendo assim, não existe a necessidade de períodos de descanso ou afastamento como ocorre com trabalhos formais.

4.4 A Educação Sexual nas escolas brasileiras

Ao questionar às entrevistadas sobre memórias e lembranças ou se vivenciavam ainda

[9] Termo em inglês para: O duplo padrão sexual.

– principalmente a geração das netas- momentos nos quais assuntos como “corpo”, “sexualidade”, “feminino” e “masculino” foram abordados no ambiente escolar, em todas as 10 (dez) entrevistas, nas distintas gerações, é possível constatar a ausência de temas como sexo, corpo e gênero nas escolas. Com base nisso, Iara Beleli (2010) aborda essa diferença entre feminilidade e masculinidade e propõe, então, que este conceito se coloca como baseado em corpos sexuados.

> Se gênero é uma categoria de diferenciação universal, estudos realizados em outras culturas apontam que não há um modo inato de ser mulheres e homens e não necessariamente noções vinculadas à masculinidade e à feminilidade estão coladas, respectivamente, aos corpos sexuados. (BELELI, 2010, p. 50)

Além disso, é importante para entender este contexto constatar a existência de uma relação tensionada entre escola e família. Essa tensão é discutida por Philippe Ariès (1978), ao apontar para a ramificação da responsabilidade entre escola e família na constituição social da criança.

> A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. (…) Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização (ARIÉS, 1978, p. 11).

A responsabilidade pela educação e formação das crianças é, assim, por vezes atribuída à família, e, por vezes, atribuída à escola, o que gera uma tensão entre crianças, escola e família.

Entendendo isto, as gerações de filhas e netas pontuam ter tido algum acesso ao conhecimento e estudos que abrangem apenas a parte biológica e reprodutora do corpo feminino e, portanto, não houve nenhum relato que demonstrasse qualquer interesse por parte da escola em abordar temas relacionados ao gênero, sexo ou sexualidade. Entretanto, as bisavós e avós relatam a ausência de qualquer tema relacionado ao corpo feminino, como é possível entender a partir da observação de uma das entrevistadas: “Era um assunto proibido.” (Ângela, 65 anos, avó, núcleo 1).

Assim sendo, é possível inferir que por meio da inibição sexual, somos submetidos/as a uma delimitação de comportamentos sexuais.

> Mesmo sem uma orientação explícita, instituições como a escola e a família fornecem uma formação consoante com as normas e os valores vigentes na sociedade, assim, ainda que não percebamos, desde que nascemos estamos submetidos a uma determinada educação sexual. (TUCKMANTEL, 2009, p. 264)

A Educação Sexual se faz presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os quais utilizam em suas propostas a terminologia Orientação Sexual:

> [...] Orientação Sexual constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. O trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. (BRASIL, 1997, p. 21)

Os PCNs, os quais são responsáveis pelas diretrizes para a organização dos ensinos básico e médio, contemplam a abordagem curricular da sexualidade humana numa perspectiva transversal, porém, no contexto do ambiente escolar, se faz necessário um maior investimento neste sentido.

> No contexto escolar, entretanto, há necessidade de investimento das políticas públicas na formação qualificada dos docentes, para que possam colocar em debate os problemas e dúvidas sobre o campo em questão, especificamente, sobre as justificativas, finalidades, tipos de abordagem, programa curricular a implementar e o perfil do professor responsável pela sua dinamização, bem como as perspectivas de atuação. (TUCKMANTEL, 2009, p. 189)

Vitiello (1997) utiliza o termo Educação Sexual, diferenciando duas situações específicas: a sistemática e a assistemática, relacionando a noção de Educação Sexual sistemática às ações que podem ocorrer tanto na família quanto na escola:

> Educar, no sentido mais amplo, significa 'formar' [...] o educador dá ao educando condições e meios para que cresça interiormente. A influência do educador, por isso mesmo, além de intensa precisa ser contínua e duradoura [...] nesse sentido, a educação sexual sistemática só pode ser feita por familiares ou por professores. (VITIELLO, 1997, p. 95)

O autor também distingue a educação sistemática como atividades planejadas e conscientes oficialmente realizadas nas escolas e a educação sexual informal e espontânea

geralmente realizada na família, apontando que a família é a principal responsável pela educação, pois está com o indivíduo desde seu nascimento. Porém, o ambiente familiar nem sempre está pronto para lidar com questões relacionadas ao comportamento sexual. Em relação à educação assistemática, Vitiello (1997) afirma ter caráter ocasional, o que pode ocorrer por meio de meios de comunicação de massa ou em busca de leituras específicas sobre o assunto. Em relação à orientação sexual, o autor constata que o termo "implica um mecanismo mais complexo baseado na experiência e conhecimento do consultor. Esse processo ajuda as pessoas a analisar diferentes opções para que possam descobrir novos caminhos". Por outro lado, a educação sexual foi definida por ele como "uma parte do processo educacional, especialmente voltada para a formação de uma atitude em relação ao estilo de vida sexual". Portanto, a educação sexual ocorre no processo educacional mais amplo.

Sendo assim, a fim de repensar tais padrões, a escola deve entender a necessidade de revisitar conteúdos didáticos, a linguagem utilizada em sala de aula entre educadores e educandos, e além disso, compreender a importância de valorizar tanto as atividades consideras femininas e masculinas. Sobre isso, a autora Iara Beleli (2010) aponta:

> Redescobrir os significados implica rever os conteúdos didáticos e a própria linguagem utilizada pelos educadores, que contribuem diretamente para a formação do "eu social" da criança (Moreno, 1999). Marcar a diferença entre o comportamento de meninas e meninos é também uma forma de alimentar modelos com os quais elas e eles "devem" se identificar para serem percebidas (os) como "mais femininas" ou "mais masculinos". Não é raro encontrar nos conteúdos didáticos, mesmo de forma subliminar, formas de hierarquizar os sujeitos a partir do sexo, valorizando mais as atividades consideradas masculinas do que as femininas. (BELELI, 2010, p. 51 ***apud*** MORENO, 1999)

Dessa forma, a partir da reflexão trazida pela autora e pelas falas das entrevistadas, é evidente que o tabu constitui uma barreira de gênero, e todas as gerações presentes nas entrevistas constatam essa realidade. As análises da produção discursiva dessas mulheres permitem inferir, portanto, que há um reconhecimento das grandes limitações para falar de saúde sexual e reprodutiva nas famílias, e, de uma educação sexual escassa e insuficiente no ambiente escolar. Essa dificuldade em tratar sobre sexualidade tanto no âmbito familiar quanto nas escolas também é abordado por Maisa Tuckmantel (2009) e a comparação com a década de 90 se faz muito interessante no sentido de mudanças de gerações:

> De meados da década de 90 até os dias atuais, no tocante à relação educação e sexualidade, vêm sendo empreendidas amplas discussões, objetivando subsidiar os educadores no trato da sexualidade na escola. Contudo, as redes de ensino (públicas e privadas), ainda tropeçam na resolução do Conselho Nacional de Educação, uma vez que os professores, mormente os da escola básica, têm revelado certo "desconforto" para tratar a questão, em face da discrepância existente entre as cobranças oficiais que lhes são feitas, especialmente após a implantação dos PCNs e a formação que recebem (se recebem) para enfrentar tais demandas. (TUCKMANTEL, 2009, p. 208)

Entretanto, ao mesmo tempo em que as falas das entrevistadas apontam a escassez dessas discussões, também é possível inferir a possibilidade de tratar de questões como sexualidade e gênero de forma mais consciente, no ambiente escolar, ainda que essa discussão seja feita através de assuntos com maior enfoque no corpo biológico. Tal como foram apresentados nos resultados das entrevistas, quando as gerações de netas e filhas se mostram mais abertas e contam experiências vivenciadas no ambiente escolar; diferente das gerações de avós e bisavós que demonstram não terem vivenciado quaisquer discussões no tocante à educação sexual, na escola. No seguinte trecho de uma entrevista, é possível identificar a vivência deste tema na vida de uma das entrevistadas em seu percurso na escola: "eu lembro de algumas palestras, mas nada tão especifico, como educação sexual, fora as aulas de biologia, que aprende a parte científica. Mas acho que as pessoas buscam por fora, hoje em dia, o que você ouvia, não era questionado antigamente, hoje as pessoas têm mais acesso ao conhecimento e questionam mais as verdades já impostas." (Maria Clara, 18 anos, neta, núcleo 2).

A partir da fala acima, é importante considerar a visão de que, apesar de a escola de hoje se mostrar mais aberta ao tratar do tema, em detrimento ao ambiente escolar fechado no qual as avós e bisavós vivenciaram tais discussões; ainda assim, a entrevistada comenta a necessidade de "buscar for fora", expressão utilizada pela mesma. Podemos refletir, portanto, no pensamento de que, apesar de ser possível notar um maior acesso ao conhecimento, além de pessoas as quais "questionam mais as verdades já impostas", o ambiente escolar não tem proporcionado o debate apropriado a respeito dos temas em questão, especialmente no tocante à sexualidade como um tema de relevância social e não apenas biológico. Assim, pode-se inferir que, muitas vezes, o espaço escolar tem uma inclinação maior a continuar a controlar os corpos e as representações sociais de homens e mulheres do que interesse em subverter e questionar padrões já impostos. Sobre isso, a autora Guacira Louro (2000) discorre em seu trabalho sobre o Corpo, Escola e a Identidade:

> A preocupação com o corpo sempre foi central no engendramento dos processos, das estratégias e das práticas pedagógicas. O disciplinamento dos corpos acompanho, historicamente, o disciplinamento das mentes. Todos os processos de escolarização sempre estiveram - e ainda estão - preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres. (LOURO, p. 60, 2000)

Então, não seria o caso de questionar por que a escola não se abre ou se dispõe como um espaço que segue as tendências de reflexão e discussão que a própria sociedade, na qual esta instituição está inserida, tem seguido? A fim de entender essa questão, é interessante destacar também a seguinte fala outra de entrevistada: "acho que hoje é mais fácil falar sobre o assunto do era com a minha mãe." (Aline, 40 anos, filha, núcleo 3). Dessa forma, podemos constatar que, apesar de a escola se mostrar de certo modo resistente às mudanças e questionamentos que tem se tornado mais constantes e regulares, no que diz respeito à sexualidade e o corpo, podemos perceber que, ainda assim, existe uma inclinação para que este caminho esteja facilitado para as novas gerações. Tal como na fala da entrevistada que demonstra maior facilidade em abordar assuntos que anteriormente eram tidos como tabu e até mesmo "proibidos", como citado anteriormente por Ângela, 65 anos, núcleo 1, uma das entrevistadas representantes da geração das avós.

Portanto, apesar da evidente transformação nas discussões no tocante à sexualidade e aos tabus que englobam o tema, quando olhamos para ao universo de idades, foi possível constatar que houveram poucas mudanças no decorrer dos anos com relação ao Ensino da Sexualidade no Brasil. Contudo, é de extrema relevância entender que os educadores e a equipe escolar como um todo, devem prosseguir rompendo padrões e ressignificando esses conceitos. A autora Iara Beleli pontua em seu texto a importância dos educadores como atores sociais:

> Os educadores, como importantes atores sociais, são também responsáveis pelo tratamento diferenciado de meninos e meninas e devem estar atentos à produção de desigualdades. (BELELI, 2010, p. 50)

Portanto, é imprescindível incluir a escola como um dos lugares centrais de discussão e reflexão acerca das questões de gênero e sexualidade. Os educadores, a equipe escolar e a maneira pela qual estes fazem uso de seu papel social é fundamental para repensar tais padrões vigentes hoje na sociedade brasileira, e, assim, entender essa posição como uma responsabilidade para com a mudança e transformação social é de extrema relevância.

5 Considerações finais

Ao final da elaboração deste trabalho, é possível desvendar algumas barreiras de acesso das mulheres à informação sobre gênero, sexualidade e corpo, implicando reconhecer os dispositivos institucionais que atuam na sociedade brasileira, com maior força nas relações de poder na família e na escola, perpetuando modelos de dominação patriarcal. Essa naturalização possibilita uma reprodução silenciosa de crenças e atitudes sobre os papéis sociais de homens e mulheres, provocando assim desigualdades associadas ao gênero.

Sendo assim, para garantir o acesso dessas mulheres à informação qualificada sobre saúde sexual e reprodutiva, corpo e gênero, é preciso entender que este deve ser promovido nos diferentes âmbitos: família e escola, entre grupos de pares, associações/movimento sociais. É fundamental esse trabalho intersetorial para otimizar esforços coletivos pela mudança das normas restritivas de gênero, e, dessa forma, requerem capacitação permanente para discutir o papel dessas normas presentes nos discursos hegemônicos analisados.

Ainda, a partir das entrevistas e análise destas, é possível inferir que o ser humano tem em si tanto a vontade de conservar suas raízes quanto de pensar em transformar-se a si e ao mundo para um futuro diferente, e, deste modo libertar-se dessas raízes. Ser capaz de olhar para o passado, refletir sobre ideias e ações que ainda fazem sentido no presente e quais destas representações e concepções já não nos servem mais como indivíduos e sociedade e, assim, guiar nosso olhar para frente, incorporando as mudanças positivas e deixando para trás o que já não se adequa. Ainda assim, não se faz menos importante o estudo e o vislumbre dos ideais de gerações anteriores, pelo contrário, acredito que estes devem ser honrados e compreendidos, até mesmo para servir de base aos novos conceitos e desconstruções pensadas na contemporaneidade.

Dessa forma, é fundamental demarcar a importância dos registros e relatos orais de experiências e vivências das mulheres que se fizeram presentes no percurso da realização das pesquisas neste trabalho, sendo que, a partir das análises às entrevistas fornecidas por estas compreendo que, ao percorrer relatos e memórias tão intimas a estes indivíduos, pude me conectar de diversas formas com diferentes e profundas histórias a respeito do tema estudado e, assim, reforço a significativa relevância destes relatos, os quais serviram como uma das principais fontes para concluir esta pesquisa.

A construção e reconstrução da história no tocante a discussão das normas de gênero impostas depende não só das mulheres, mas também de qualquer indivíduo social, independente de sexo biológico, compreendendo que todos estes podem e devem questionar valores estabelecidos e construir novas ideias e possibilidades histórico-sociais. Deste modo, essas entrevistas e os contrastes entre as gerações, bem como o estudo do processo de transmissão de saberes das mulheres entrevistadas podem incorporar e contribuir com diversos saberes no âmbito da formação e dos processos de aprendizagem.

Considerando Educação no sentido formal e não formal como todo o processo contínuo de formação e ensino aprendizagem que faz parte do currículo dos estabelecimentos oficializados de ensino e formação dos indivíduos, sejam eles públicos ou privados; os meios da Educação Não Formal, sendo aquela que ocorre fora do sistema tradicional de ensino, será através da discussão, em ambos os contextos, repensando conteúdos e incorporando a participação das diferentes gerações de pais, de adolescentes, professores e quaisquer indivíduos interessados em reconsiderar antigos padrões, que produzindo diferentes discursos, poderemos ressignificar as normas de gênero de formas mais equitativas.

Diante do exposto, é importante ressaltar que as percepções sobre os papéis das mulheres na sociedade mudaram ao longo dos anos, mas as mudanças no funcionamento das estruturas sociais ocorreram de forma lenta. Ainda assim, através destes caminhos, concluo ser possível visualizar mudanças concretas e positivas no campo dos estudos de gênero no Brasil, as quais podem e devem ser geradas de maneira mais democrática, considerando o contexto e a dinâmica de correlação entre antigos e novos conceitos apresentados e discutidos.

7. Referências bibliográficas

ALVES, Roosenberg Rodrigues. "Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações". II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História – UFG/ UCG. Praça Universitária – Área II – UCG, Goiânia – Goiás, 14/15/16/ setembro/2009, (Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/IISPHist09_RoosembergAlves.pdf, consultado em Abril de 2022).

ARIÈS, Philippe. História social da infância e da família. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: Informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: Informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027: Informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2012.

AUGUSTO, Cleiciele Albuquerque et al . "Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos", apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). Rev. Econ. Sociol. Rural, Brasília , v. 51, n.4, p. 745-764, Dez. 2013.

BARRETO, Renilda. "Corpo de mulher: a trajetória do desconhecido na Bahia do século XIX". História: Questões & Debates, [S.l.], v. 34, n. 1, jun. 2001. ISSN 2447-8261. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2662>. Acesso em: 19 ago. 2019. doi:http://dx.doi.org/10.5380/his.v34i0.2662.

BELELI, Iara. "Capítulo 2: Gênero". MISKOLCI, R. (Org.) Marcas da diferença no ensino escolar /-- São Carlos: EdUFSCar, 2010. 220 p. 45-65. Acesso em 02. Mai. 2022

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais, V. 10. 2, 1997, p. 21.

CARNEIRO, Sueli. "Mulheres em movimento". Estudos Avançados, 17 (49), 2003, pp. 117-132. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 20 set. 2021.

CAUX, Camila. “A lua e o outro lado da terra: menstruação, concepção e gestação entre as araweté”. Mana, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 9-36, Aug. 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132018000200009&lng=en&nrm=iso>. Access on 21 Oct. 2019.

COELHO, Leila Machado.; BAPTISTA, Marisa. “A história da inserção política da mulher no Brasil: uma trajetória do espaço privado ao público”. Rev. psicol. polít. vol.9 no.17, São Paulo, jun. 2009, pp. 85-99. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2009000100006. Acesso em 21 set. 2021

CORRÊA, Mariza. “Repensando a Família Patriarcal Brasileira”. Cad. Pesq., São Paulo, (37):5-16, Mai. 1981

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. Tradução de M. Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, v. 1, 2011.

FRANCISCO EL HOMBRE. Triste, Louca ou Má. Direção artística: Rafael Câmara. Brasil, 2016. 4 minutos.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. Que fazer? Teoria e prática em educação. São Paulo: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. “Educação *versus* Massificação”. In: Educação como prática de liberdade. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982. Acesso em: 05 de Fev. 2022.

GUEDES, Olegna de Souza e DAROS, Michelli Aparecida. “O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético”. ERV. SOC. REV., LONDRINA, V. 12, N.1, P. 122- 134, JUL/DEZ. 2009

KEHL, Maria Rita. “A mulher Freudiana na passagem para a modernidade: *Madame Bovary*”. Deslocamentos do feminino. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

KOVÁTZ, Eszter, POIM, Maari. (Eds.). *Gender as symbolic glue: the position and role of conservative and far right parties in the anti-gender mobilization in Europe* Budapest: FEPS, 2015.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. 1972 2. edição. Editora Brasiliense. Acesso em: 15 de Ago. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. “Corpo, escola e identidade”. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 25, n. 2, dez. 2000. Acesso em: Mai. 2022.

LOURO, Guacira. Lopes. “Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas”. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Acesso em: Mai. 2022.

MACEDO, João Paulo.; FIGUEIRÊDO, Eugênia Bridget Gadêlha; NASCIMENTO, Romário Ráwlyson Pereira e PIRES, Maria Helena Cortez de Melo. "Políticas públicas e questões de gênero". Interfaces Críticas - Campina Grande, v. 1, n. 1, jan.-jul., 2014, pp. 1-10. Disponível em: https://www5.pucsp.br/nexin/artigos/download/politicas-publicas-e-questoes-de-genero.pdf. Acesso em 21 set. 2021.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

OLIVEIRA, Bernardo David de. Filosofia da ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira, Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36895/1/2005_tese_edoliveira.pdf. Acesso em: 13 abr. 2021.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. "A reapropriação do corpo feminino: da recusa ao confinamento doméstico à invenção de novos espaços de cidadania". Volume I. Cad. Pagu, Campinas. 1990. Disponível em: <https://www.pagu.unicamp.br/pf-pagu/public-files/arquivo/86_menicucci_eleonora_termo.pdf#overlay-context=pt-br/content/banco-teses> Acesso em: 31 Out. 2019.

PISCITELLI, Adriana. "Tradição oral, memória e gênero: Um comentário metodológico". Seminário Internacional del Uso de Historias de Vida en Ciencias Sociales: Prácticas, Teorías y Metodologías. Villa de Leyva, Colombia, março de 1992.

PIZZI, Laura Cristina Vieira. ALVES, Julia Mayra Duarte. "Análise do discurso em foucault e o papel dos enunciados: pesquisar subjetividades nas escolas". Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.23, n.1, p. 81-94, jan.-jun. 2014

PORTELLI, Alessandro. "Um trabalho de relação: observações sobre a história oral". Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.7, nº13 jul-dez, 2017. p.182-195

QUADRADO, Beatriz Floôr. "Sobre a mestiçagem brasileira e identidade negra em um concurso de mulata no rio grande do sul". Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/30/1405393921_ARQUIVO_TextoCompletoANPUH2014.pdf

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. "Relatos Orais: Do 'Indizível' ao 'Dizível'". Ciência e Cultura. v. 39, n. 3, p 272 – 286. 1987

RAGO, Margareth. “O elogio do sexo da mulher”. Cad. Pagu (14) 2000: pp.291-297. Acesso em 10 Abr. 2021.

RIBEIRO, Katiúsca. 2020. “O Futuro é Ancestral”. Le Diplomatique. Nov. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-futuro-e-ancestral/>. Acesso em 05. Fev. 2022

SAFFIOTI, Heleieth I. B. (1992). “Rearticulando gênero e classe social”. Costa, Albertina G. O. e Bruschini, Maria Cristina A. (Org.), Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

SCOTT, Joan Wallach. “Gender: A Useful Category of Historical Analysis”. The American Historical Review, vol. 91, nº 5. (Dec., 1986), pp. 1053-1075.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. “Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento”. Augusto Guzzo Revista Acadêmica, São Paulo, n. 6, p. 14-18, may 2003. ISSN 2316-3852. Disponível em: <http://fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57>. Acesso em: 16 mar. 2021. doi: https://doi.org/10.22287/ag.v0i6.57.

SPOSITO. Marilia Pontes. “Uma perspectiva não escolar”. Revista USP, São Paulo, n.57, p. 210-226, março/maio 2003.

TUCKMANTEL, M. “A educação sexual: mas qual? Diretrizes para formação de professores em uma perspectiva emancipatória”. Tese (Doutorado) – Unicamp, São Paulo, 2009.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. “Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder”. Cad. Pagu, Campinas, n. 33, p. 265-283, Dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 Abr. 2021. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332009000200010.

VITIELLO, N. Sexualidade: quem educa o educador? São Paulo: Iglu, 1997, p. 18-19

APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Público alvo – bisavós/ avós / filhas / netas – NÚCLEO

1- ***Gênero:***
2- ***Idade:***
3- ***Ocupação:***
4- ***Autodeclaração Racial:***
5- ***Local de nascimento:***
6- ***Qual é seu nível de escolaridade?***
7- ***Como é a configuração da sua família***
8- ***Qual é a figura familiar mais importante da sua vida?***
9- ***Você tem uma boa relação com as outras mulheres da sua família? (mães, avós, filhas).***
10- ***O que é ser mulher para você?***
11- ***O que sua mãe lhe dizia sobre o que é "ser uma mulher"?***
12- ***Quando foi que você achou que já era uma mulher?***
13- ***Como viveu a chegada da primeira menstruação, o que te foi falado sobre isso?***
14- ***Quando você estudava ou na escola em que você estuda, você se lembra de em algum momento o assunto "corpo" ou "sexualidade" ser abordado?***
15- ***Você acredita que falar sobre o corpo e sexualidade ainda é um tabu entre mães e filhas?***
16- ***Você contou para sua mãe quando iniciou sua vida sexual?***
17- ***Que ensinamentos a senhora passou para sua filha sobre o corpo ou sexualidade?***

APÊNDICE B - CRITÉRIOS ADOTADOS PARA A TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

As mulheres autorizaram utilizar os nomes nas entrevistas, entendendo que não seriam prejudicados(as) por terem a identidade revelada. Os critérios realizados para a transcrição das entrevistas foram os seguintes:

***Negrito e itálico*:** fala da pesquisadora.

Fonte normal: fala dos entrevistados.

Além disso, foram utilizados os seguintes sinais convencionais de pontuação gráfica: vírgula (,); ponto (.); ponto e vírgula (;); ponto de interrogação (?); dois pontos (:). Ao longo das transcrições optou-se em manter as características peculiares da linguagem coloquial, transcrevendo as falas tais como foram ditas pelas entrevistadas, visando assim preservar "marcas", as identidades do discurso oral de cada uma.

APÊNDICE C - CARTA DE CONCESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

Eu,_____ RG_____ declaro conceder à Anna Giulia Coppe Gaudenci, RG 54.403.382-6 sem quaisquer restrições, os direitos sobre os dados da gravação da entrevista que lhe concedi na cidade de Tatuí-SP, em _____, com duração de _____. Cedo também os direitos sobre a textualização da referida entrevista que foi a mim apresentada e cuja validade foi conferida.

Minha participação não será de forma anônima, entendendo que não serei prejudicado (a) por ter minha identidade revelada.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa e produção de conhecimento na área.

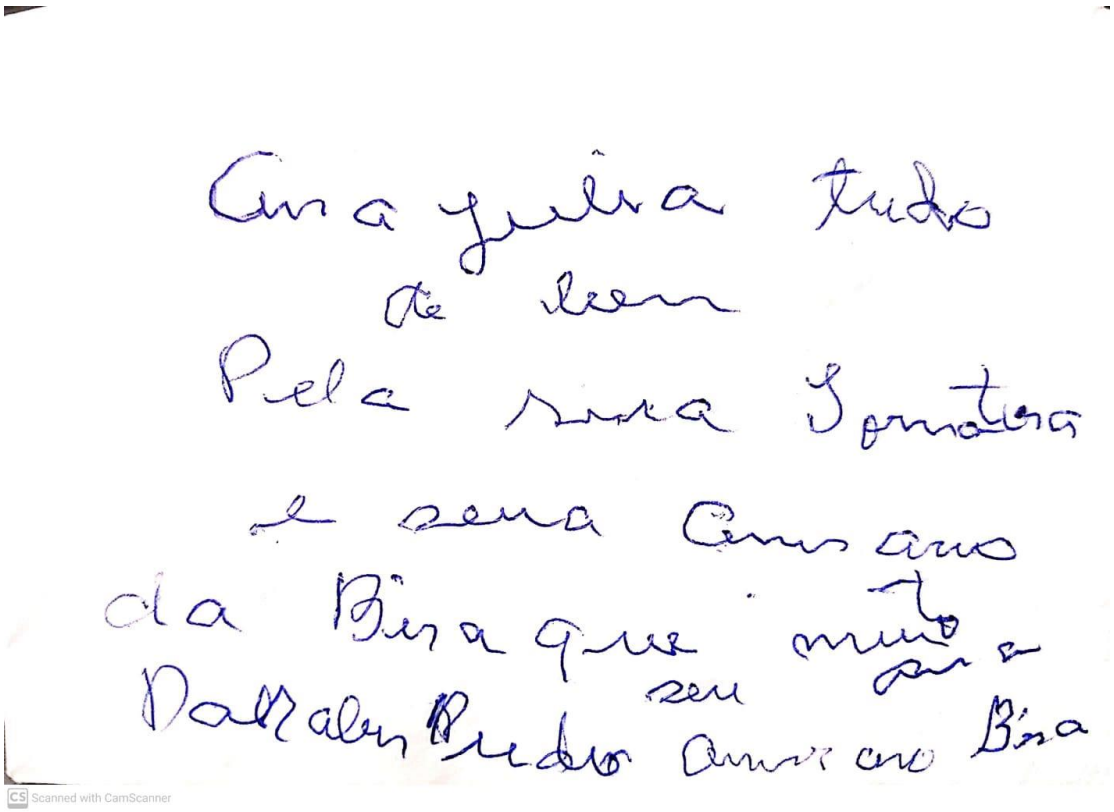
Atesto o recebimento de uma cópia do presente documento.

Sorocaba,_____de_____de 2021.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

ANEXO A



Fonte: acervo pessoal.

Bilhete escrito por minha bisavó Evanir, 87 anos, entrevistada da geração das bisavós e integrante do núcleo 1, o qual foi me entregue logo antes de sua partida, no qual consta:

"Ana Julia tudo de bom. Pela sua formatura e seu aniversário.

Da Bisa que muito te ama. Parabéns. Com amor, Bisa."